

A Idade do Bronze no concelho de Serpa: um primeiro esboço de um conhecimento em construção

*Lídia Baptista**

Resumo:

Nos últimos anos (2008-2010) assistimos a uma revolução empírica decorrente dos trabalhos arqueológicos promovidos pela *EDIA, S.A.*, que se traduz num aumento de sítios desta cronologia, sobretudo nas freguesias de Salvador, Brinches, Santa Maria e Pias. Estes trabalhos permitiram refazer a imagem prévia da Idade do Bronze em Serpa, revelando uma presença significativa de arquiteturas em negativo deste período, no âmbito das quais, é possível reconhecer uma grande variabilidade morfológica e contextos sociais de utilização. Considerando a importância deste tipo de dispositivos arquitetónicos nas dinâmicas sociais durante a Idade do Bronze na região em estudo, pretendemos apresentar o ponto de situação da pesquisa que estamos a realizar.

Abstract:

In recent years (2008-2010) we have witnessed an increase of data to study the Bronze Age at Serpa. Those data are the result of several archaeological works promoted by EDIA SA, mainly in the parishes of Salvador, Brinches, Santa Maria e Pias. These new data allowed to create a new image of the Bronze Age at this region, revealing a significant presence of negative structures, within which it is possible to recognize a great morphological variability and social contexts of use. Considering the importance of this type of architectural devices to the understanding of the social dynamics during the Bronze Age of this region, we present some aspects of the study that we are developing with these new data.

* *Arqueologia & Património Lda., FLUP, CEAUCP – CAM*

INTRODUÇÃO

Este texto resulta de algumas tarefas que nos propusemos realizar no nosso projeto de doutoramento. Este projeto, que parte de um conjunto de estações arqueológicas da Idade do Bronze, identificadas durante a execução do Bloco de Rega Brinches-Enxoé, promovido pela *EDIA, S.A.*, versa sobre formas de organização do espaço, enfatizando-se o papel de diferentes dispositivos arquitetónicos, na Idade do Bronze no sul de Portugal. Neste sentido apresenta-se uma breve síntese dos dados disponíveis para o Concelho de Serpa, onde se pretende mostrar a imagem atual, à luz das recentes escavações, de um incremento de sítios com arquitetura em negativo e enunciar os limites e as possibilidades que o seu estudo pode trazer ao conhecimento das práticas das comunidades que habitaram a região de Serpa durante a Idade do Bronze.

A compilação de dados, que será apresentada no ponto 1, resultou da conjugação de dois levantamentos: o primeiro, onde se reúne todos os artigos ou notícias sobre trabalhos arqueológicos realizados em Serpa, de forma a enquadrar historicamente a prática da arqueologia no concelho, os seus protagonistas e os seus contributos à disciplina; o segundo, constitui uma base de dados de Sítio, que engloba os dados disponíveis na base de dados *Endovelicus*, em articulação com os dados dos relatórios técnicos de intervenções arqueológicas. No ponto 2, a partir de uma seleção de contextos de Montinhos 6, pretende-se explorar as possibilidades de leitura das sequências estratigráficas em estruturas de tipo “fossa”, em que depósitos estruturados participam numa complexa rede de ações que interligam materiais e pessoas. Reservamos as notas finais (ponto 3) para tecer algumas considerações acerca de um conjunto de conceitos – fragmentação, deposição e arquitetura – que operacionalizam a pesquisa que nos encontramos a desenvolver.

1. QUADRO ATUAL DO CONHECIMENTO SOBRE A IDADE DO BRONZE NO CONCELHO DE SERPA

1.1. Breve síntese sobre a história da investigação

No desenvolvimento do estudo da Idade do Bronze no concelho de Serpa podemos considerar três momentos. A tais momentos, como veremos, correspondem diferentes atores e estratégias de pesquisa que foram construindo diferentes imagens para a Idade do Bronze desta região¹.

Um 1º momento, até meados dos anos 70 do século passado, caracterizado pela quase ausência de incursões arqueológicas², em que Belmeque representava um dos poucos contextos da Idade do Bronze conhecidos no concelho. O espólio deste contexto, estudado e publicado por Schubart (1974a: 66-69, 83 e 86, fig. 1; 1975: 257-258), é excepcional. É constituído por: um recipiente cerâmico³; uma faca em bronze com rebites em *electrum*; dois punhais com rebites em prata (um em bronze e outro em cobre) e nove aplicações (com a forma de tachas) em prata e duas ofertas cárneas de bovino (*Ibidem*; Soares 1994). A excepcionalidade deste espólio não se prende somente às ligas em que os objetos metálicos são feitos, mas também à presença de uma forma cerâmica única.

Schubart realçava que: “algumas zonas parecem estériles en cuanto a hallazgos, (...) este mismo hecho ocurre com Concelhos enteros, por ejemplo con la zona relativamente grande de Serpa” (1974b, 354-355) referindo-se a um “vazio” de sítios, contrastando com as áreas a sudoeste de Beja (Santa Vitória, Odivelas) e de Ourique.

Um dos investigadores que rompeu com o cenário acima descrito foi, indubitavelmente, António Monge Soares, a quem se deve a identificação e escavação de alguns sítios da Idade do Bronze⁴. Refira-se a título de exemplo, o pseudo-*tholos* do Monte da Velha 1 (Soares 2008), as Cistas do Bronze do Sudoeste como o

1. As referências bibliográficas aqui indicadas, não pretendem ser exaustivas. Relativamente aos sítios arqueológicos, apresenta-se pelo menos uma referência.

2. Schubart refere também Santa Justa como uma necrópole “com caixas de pedra, localizado a 3,5 km ao norte-nordeste de Serpa, até agora sem achados, datação incerta” (nossa tradução) (1975, 258). Assim como uma referência à cista do carapetal (*Ibidem* 257). Estas cistas viriam a ser alvo de escavações de emergência por Monge Soares (1976-77; 1994).

3. “Vaso com o bordo côncavo, inclinado para fora, com lábio arredondado. Gargalo estreito. Bojo convexo, atarracado, provido na parte superior de dois canudos com bordo revirado para fora, aplicados em pontos não rigorosamente opostos. A parte superior do bojo oferece ainda uma decoração, imediatamente abaixo da parte mais larga do bojo, que consiste numa série de estrias largas, paralelas, interrompidas junto à base dos canudos. Base convexa indiferenciada do bojo” (Jorge 1995: 24).

4. Inicia a sua pesquisa no Interior Alentejano nos finais dos anos 70, em parceria com R. Parreira, no cumprimento de um programa de pesquisas que visava o estudo do povoamento durante a Pré-história Recente (Parreira e Soares 1980).

Barranco do Salto 1, Carapetal, Monte de Santa Justa 2, Herdade do Montinho, Talho do Chaparrinho (Soares 1994) e Bugalhos (Soares 2000), no que diz respeito a contextos funerários, e o Passo Alto (Soares 2003), um povoado possivelmente coetâneo destas necrópoles, apenas para referir sítios que foram objeto de escavação. Este investigador dá início ao 2º momento, situado entre os finais dos anos 70 e 2008.

Em 2005, Monge Soares sistematiza a informação disponível para os povoados da Idade do Bronze final, na sua maioria, fruto de prospeções e pela presença de cerâmica de ornatos brunidos. Neste trabalho, reflete sobre o polimorfismo dos povoados e agrupa-os em 4 tipos, tendo em conta a sua posição no terreno, a área de ocupação e a presença ou não de estruturas defensivas:

“Um primeiro grupo será constituído pelos grandes povoados fortificados (4 a 6 ha) existentes junto ao Guadiana (...); um segundo grupo será constituído pelos povoados de altura (...) implantados no cume aplanado de relevos bastante altos, que ladeiam corredores de passagem entre a bacia do Chança e o Baixo Ardila e que esses povoados controlariam. Aparentemente não seriam fortificados; um terceiro grupo será constituído por pequenos povoados (área ≤ 1 ha) com sistemas de defesa de que restam, actualmente, alguns taludes artificiais a rodear a área ocupada. Situam-se em áreas de boa capacidade agrícola; um quarto grupo constituído por “sítios” de planície (...), junto a pequenos ribeiros, de fácil acesso e aparentemente sem quaisquer preocupações de defesa” (Soares 2005: 136).

Partindo desta nova imagem da região, localizada entre os rios Guadiana e o Chança, com terrenos férteis e com recursos mineiros, António Monge Soares inicia um projeto de Investigação, em co-direcção com Ana Sofia Antunes e Manuela de Deus, em 2005, designado “O Bronze Final do Sudoeste na Margem esquerda portuguesa do Guadiana. Fortificações, áreas rituais, cronologías”, em que um dos objetivos se prendia com a problematização do povoamento do Bronze Final na margem esquerda do Guadiana.

De realçar que este percurso beneficiou dos trabalhos de prospeção para elaboração da carta arqueológica de Serpa, coordenada por Conceição Lopes (Lopes *et al.* 1998).

O 3º momento arranca em 2008, quando se iniciam os trabalhos de arqueologia preventiva no âmbito de projetos do Empreendimento Alqueva, promovidos pela EDIA, S.A., que permitiram identificar inúmeros sítios enquadráveis na Idade do Bronze, exclusivamente com estruturas em negativo. A identificação da maioria destes sítios, decorreu durante os trabalhos arqueológicos em fase de obra, em que a figura do acompanhamento arqueológico se demonstrou imprescindível. A inexistência de indicadores à superfície que remetam para a possibilidade de níveis arqueológicos no subsolo, só poderia ter sido colmatada por um acompanhamento eficiente.

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico e escavação em fase de obra revelaram a existência de uma vasta área de disseminação de estruturas em negativo, cujo conhecimento é fulcral no estudo das dinâmicas de apropriação do espaço durante a Idade do Bronze. A par da arquitetura dos “monumentos funerários” tipo cistas, com ou sem tumulus e dos “povoados fortificados”, os sítios de estruturas em negativo parecem tratar-se de um frequente e importante modo de marcação da paisagem e, por conseguinte, catalizadores de espacialidades em que se atualiza o papel dos distintos elementos que participam no “laço social” que sustentava as comunidades que habitaram a região de Serpa durante os IIº e o Iº Milénios a.C.

Como se pode observar no mapa da Figura 1 (Apêndice 1), o predomínio de sítios com arquitetura em negativo é claro e torna-se necessário multiplicar os pontos de vista que se possam criar desta extensa base empírica, no sentido de tentar pensar o papel social que possam ter desempenhado nas dinâmicas identitárias e de territorialização das comunidades da Idade do Bronze.

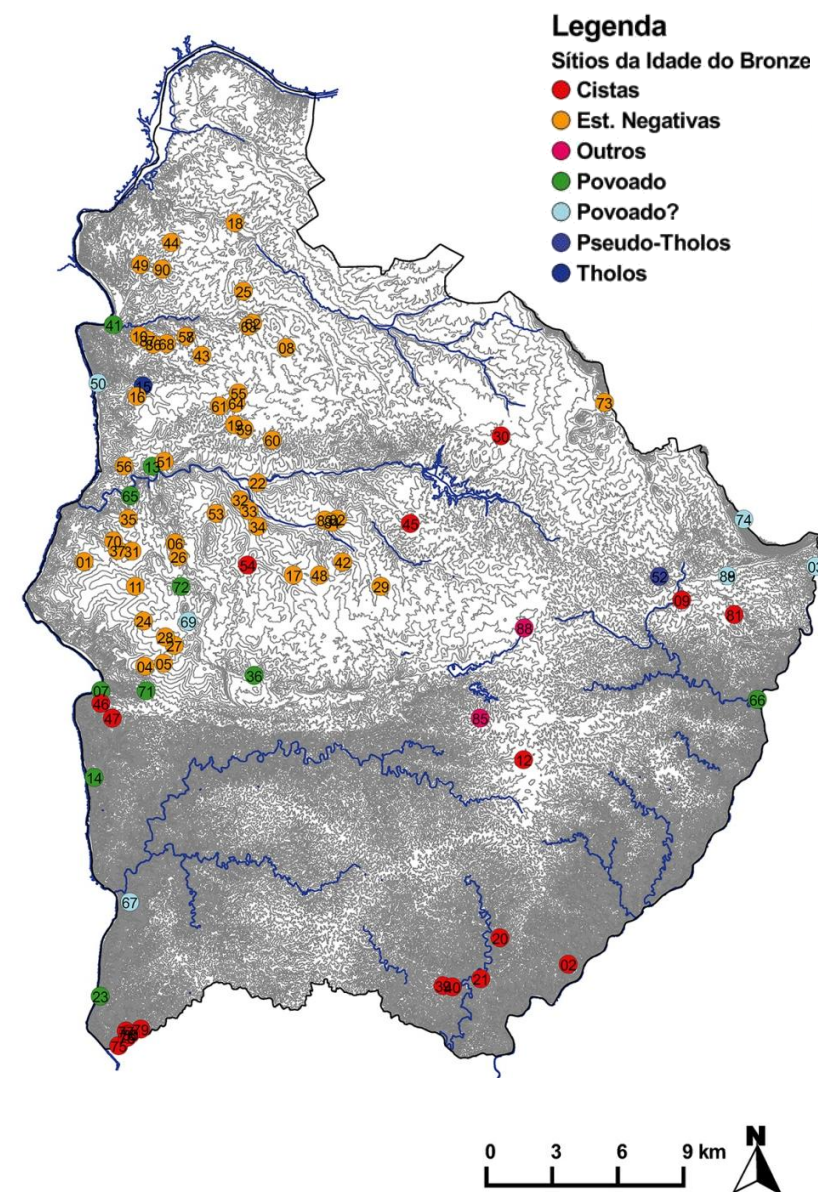


Fig. 1. — Mapa 1: sítios da Idade do Bronze no Concelho de Serpa

1.2. Articulação dos velhos e novos dados

A maior parte dos sítios considerados neste levantamento não tem datações absolutas e a sua classificação cronológica assenta na presença de determinados itens artefactuais. Esperemos, que num futuro próximo, o estudo da componente artefactual presentes nas centenas de estruturas em negativo esteja concluído, e paralelamente se consigam datas por radiocarbono, que permitam estabelecer sincronias ou diacronias entre estes novos dispositivos.

O nosso inventário comporta 90 sítios: 50 correspondem a sítios exclusivamente com estruturas em negativo⁵; 17 “povoados” de altura⁶, fortificados ou com defesas naturais; 19 necrópoles de cistas e/ou cistas isoladas⁷; um pseudo-*tholos* e a reutilização de um *tholos*; e por último, duas ocorrências de objetos em ouro, descontextualizados, mas considerados dentro da Idade do Bronze⁸.

Cruzando a dispersão do tipo de sítios com as áreas geomorfológicas do concelho de Serpa (Figs. 1 e 2) é de assinalar a existências de duas áreas distintas:

1) a Norte da cidade de Serpa, caracterizada por relevo de suaves colinas, com solos férteis, com pequenas ribeiras e barrancos, coincidente com uma vasta área de substrato muito brando e fácil de esculpir, onde se implantam os sítios com estruturas em negativo;

2) a Sul da cidade de Serpa, na chamada Serra de Serpa, constituída por relevo mais acidentado e solos rasos, rochosos e pobres, onde se encontram as cistas e os sítios em altura, estes últimos sobranceiros às principais linhas de água – os rios Guadiana e Chança.

Estes sítios (com estruturas em negativo), na sua maioria ainda por publicar⁹, apresentam dois tipos de estruturas: estruturas sub-circulares de tipo “fossa” (com ou sem enterramentos humanos) e estruturas de tipo hipogeu. No modo

5. Todos os sítios considerados foram alvo de escavação, na sua maioria em Projectos Alqueva. Apenas Santa Margarida (Antunes *et al.* 2012) e Salsa 3 (Deus *et al.* 2009) foram intervencionadas no âmbito do Projecto “O Bronze Final do Sudoeste na Margem esquerda portuguesa do Guadiana. Fortificações, áreas rituais, cronologias”. Os dados de prospeção não entram nesta distribuição.

6. Foram considerados quer os sítios escavados, Passo Alto (Soares 2003) e Cerro de S. Brás 1 (Parreira 1983), quer os sítios identificados em prospeção.

7. Neste número foram incluídas as cistas Sobralinho 6 e 7, que constam na Base de dados *Endovellicus* como pertencentes ao concelho de Mértola. Consideramos que estas cistas podem corresponder a núcleos de uma mesma necrópole e deverão ser vistas em conjunto com as cistas Sobralinho 3, 4, 5, e 8, pertencentes a Serpa.

8. Foram considerados: o torque em ouro de Vila Nova de S. Bento (Armbruster e Parreira 1993: 54-55) e as espirais em ouro de Vale de Vieigas, Vila Nova de S. Bento (*Ibidem* 196-203).

9. Os sítios publicados são: Entre-Águas 5 (Rebelo *et al.* 2009), Salsa 3 (Deus *et al.* 2009), Outeiro Alto 2 (Valera e Filipe 2010), Corça 2 (Rebelo *et al.* 2010), Torre Velha 3 (Alves *et al.* 2010), Santa Margarida (Antunes *et al.* 2012), Alto de Brinches 3 (Rodrigues *et al.* 2012) Montinhos 6 (Baptista *et al.* 2012), Cidade das Rosas 4 (Baptista e Gomes 2012), Horta do Folgão (Frade *et al.* no prelo), e um conjunto de sítios intervenções no âmbito do Bloco de Rega de Brinches: Cadavais, Magoita, Mina das Azenhas 6, Ourém 7 e 8 e Outeiro Alto 2, onde se inclui o Monte do Gato de Cima 3 (Valera *et al.* no prelo). Para a realização desta compilação foram consultados os dados disponíveis na Base de Dados *Endovellicus* (a nossa última atualização data de 15 de Março de 2013) e os relatórios técnicos de intervenções arqueológicas disponíveis no Centro de Documentação da EDIA, S.A.

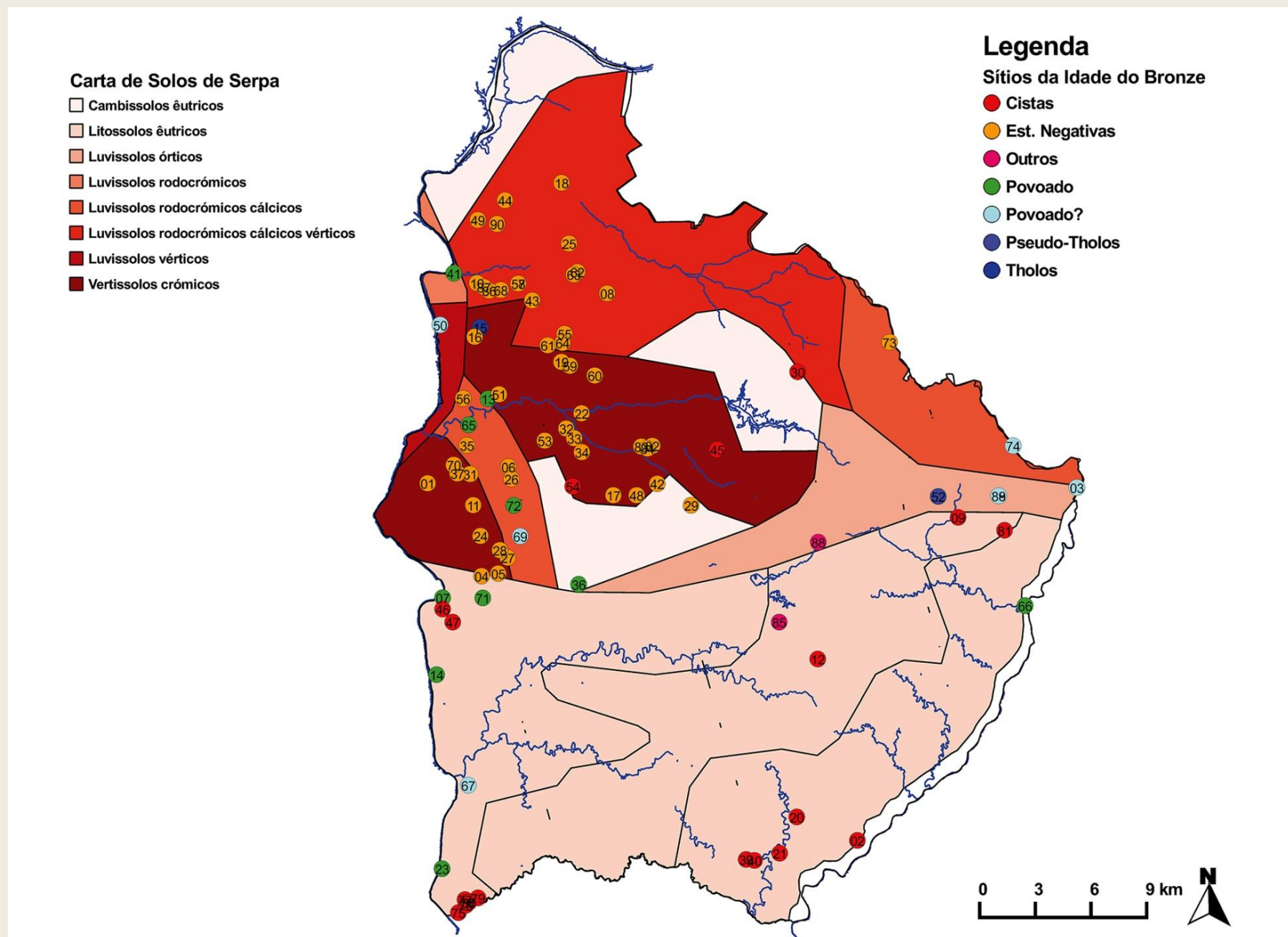


Fig. 2.— Mapa 2: sítios da Idade do Bronze no Concelho de Serpa (carta de solos)

como ocorrem estas estruturas, uma análise que se encontra condicionado pela área de afetação necessária para a implantação das infra-estruturas dos diferentes projetos, é possível reconhecer 3 cenários¹⁰ (Fig 3):

1) Cenário 1: ocorrência somente de estruturas tipo hipogeu (Maria da Guarda 3, Lameiral 5, por exemplo).

2) Cenário 2: ocorrência em que se identificaram hipogeus e “fossas” (Montinhos 6, Torre Velha 12, Torre Velha 3, por exemplo).

3) E por último, cenário 3, ocorrências apenas de “fossas” (Laje 2, Horta da Morgadinha 1, Cidade das Rosas 4, por exemplo).

Nos contextos funerários agora conhecidos, num total de 109 estruturas, verificámos que predomina uma inumação por estrutura (25 no caso das “fossas” e 39 no caso dos hipogeus), mas a reutilização dos sepulcros encontra-se bem documentada, com a sua ocorrência em 11 “fossas” e 27 Hipogeus. Acresce referir a inexistência de restos osteológicos humanos em sete hipogeus.

Os cenários 2 e 3 reforçam a ideia que contextos funerários e não-funerários partilham o mesmo espaço, perdendo-se a velha imagem de áreas específicas, uma dos vivos (povoados) e outra dos mortos (necrópoles); e muito embora o cenário 1 remeta exclusivamente para contextos funerários, não podemos ignorar que as áreas intervencionadas são apenas janelas para uma realidade que se considera mais extensa.

O nosso projeto de doutoramento inclui o estudo monográfico das estações escavada por nós¹¹. Deste conjunto de sítios, Montinhos 6 ganha relevância na medida em que foi possível uma escavação em área, de tal modo, que estamos convictos que se escavou o sítio na sua totalidade e que, por isso, permite a articulação das diferentes estruturas. Esta estação (Baptista *et al.* 2012)

10. Considerando os limites que se colocam a esta análise, esta ordenação, deverá ser tomada apenas enquanto “proposta” e estratégia de pesquisa.

11. Fazem parte deste conjunto os seguintes sítios: Montinhos 6, Torre Velha 12, Horta da Morgadinha, Horta da Morgadinha 1, Horta da Morgadinha 2, Montinhos 3, Meirinho 4, Maria da Guarda 3, Laje 2, Figueirinha, Corte do Poço 1, Salsa 3 e Cidade das Rosas 4. O sítio Malhada do Carrapatelo 2, intervencionado por nós, contemplou apenas trabalhos de registo. Nesta ocorrência era observável parte de um laje em xisto colocada na horizontal, sendo considerada neste inventário como possível Cista.

apresenta, além de uma expressiva ocupação da Idade do Bronze, contextos do Calcolítico, Idade do Ferro (?) e Antiguidade Tardia (Fig. 4). No ponto seguinte, gostaríamos de expor algumas deposições identificadas nesta estação, onde outras categorias artefactuais, tais como cerâmica, restos faunísticos e elementos pétreos, participam numa rede de ações onde se interconectam coisas, pessoas e sentidos.

2. ALGUNS EXEMPLOS DE DEPOSIÇÕES EM MONTINHOS 6

A intervenção em Montinhos 6 permitiu identificar um conjunto de estruturas constituído por duas categorias morfológicas muito abrangentes: “fossas” e hipogeus. Não é o nosso objetivo tipificar este conjunto. Com efeito, ordenar tal profusão morfológica implicaria um cruzamento de diferentes variáveis (nomeadamente dimensões, plantas e perfis) cujo interesse, do ponto de vista de representação e compreensão da realidade morfológica, implicaria uma revisão em função de uma análise que as correlacionasse com variáveis contextuais (o sítio, as relações espaciais, a cronologia, o tipo de enchimento). Pretende-se, ao considerar categorias morfológicas muito abrangentes, traçar provisoriamente uma cartografia das questões que podem ser colocadas ao modo como tais estruturas participam na especificação do espaço.

Tal como já referido noutro trabalho (Baptista *et al.* 2012), a propósito de Montinhos 6, onde se comparam contextos onde participam cadáveres (hipogeus *versus* fossas) concluímos que: “as deposições em fossas e hipogeus apontam para diferentes formas de redes de ações em que se constroem diferentes modos de arquitectura. Esta questão está ainda em aberto, mas, pelos elementos que até agora fomos reunindo, parece-nos que a arquitectura dos hipogeus é mais constrangedora na posição dos elementos que cataliza. Em contrapartida, nas fossas esse constrangimento parece ir no sentido de um leque

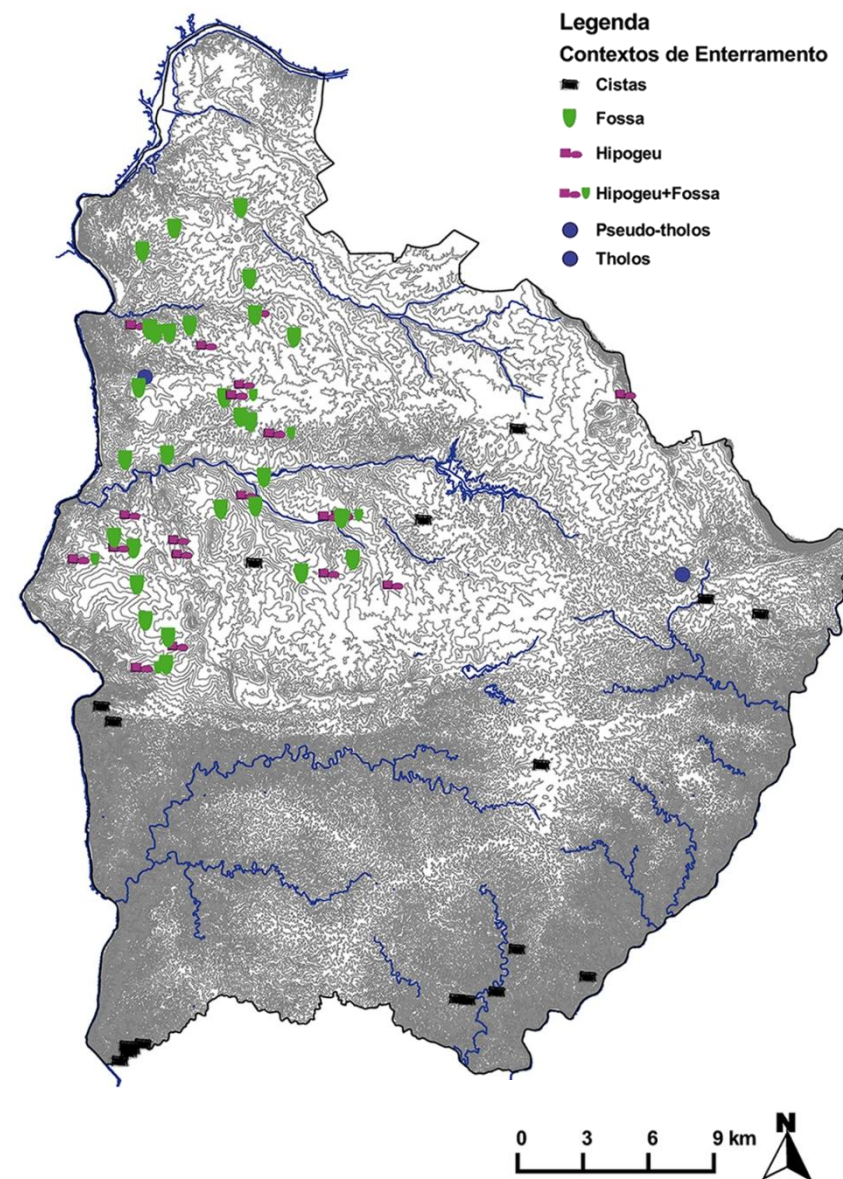


Fig. 3.— Mapa 3: distribuição dos “tipos” de estruturas em negativo (“fossas” e hipogeus) e outras estruturas de enterramento

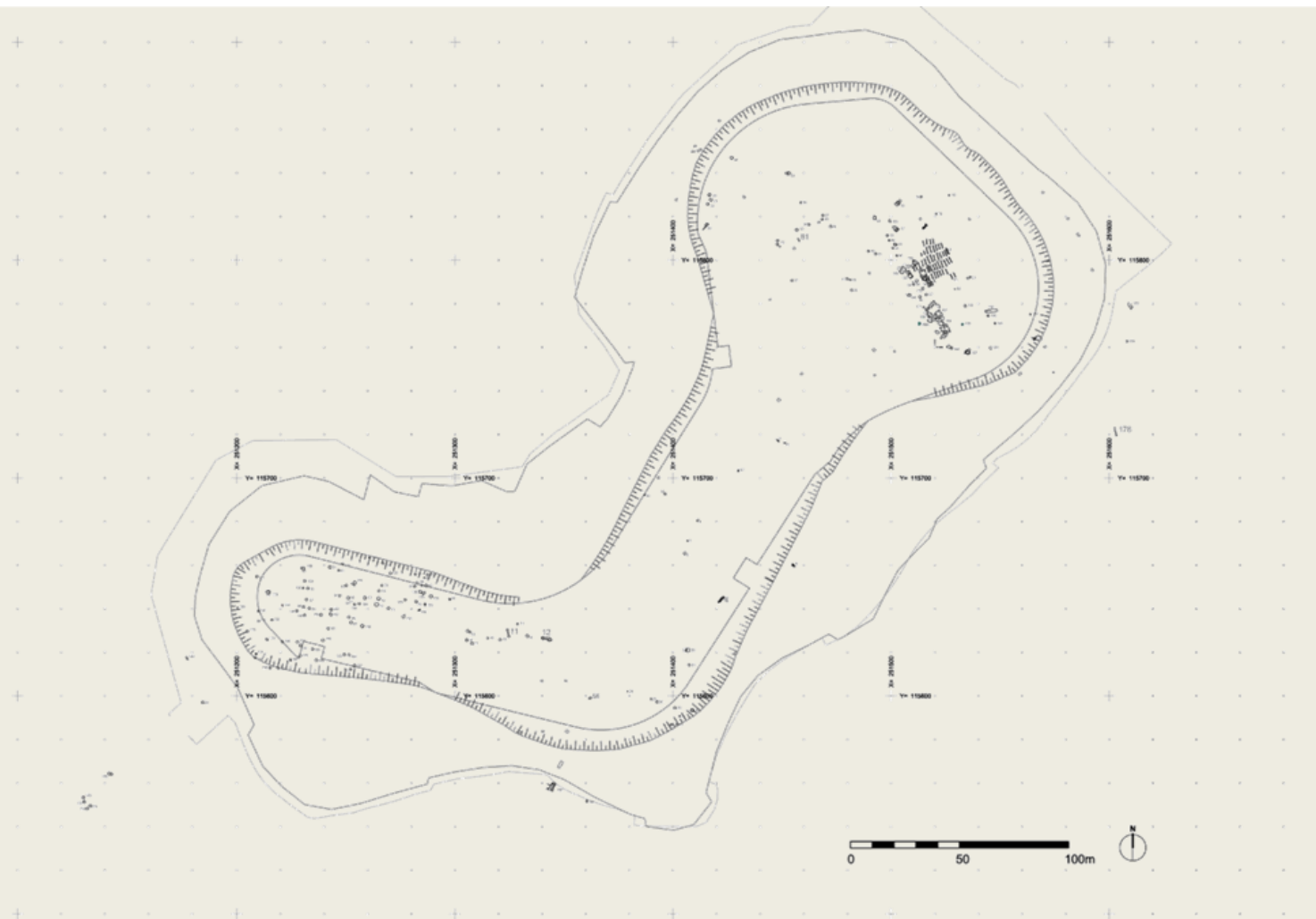


Fig. 4.— Planta de Montinhos 6

maior de possibilidades de uso das coisas que nelas participam, sendo a fragmentação e a disseminação espacial de fragmentos, um dos processos que entra nessas possibilidades de usar as coisas e fazer arquitecturas” (Baptista *et al.* 2012: 156).

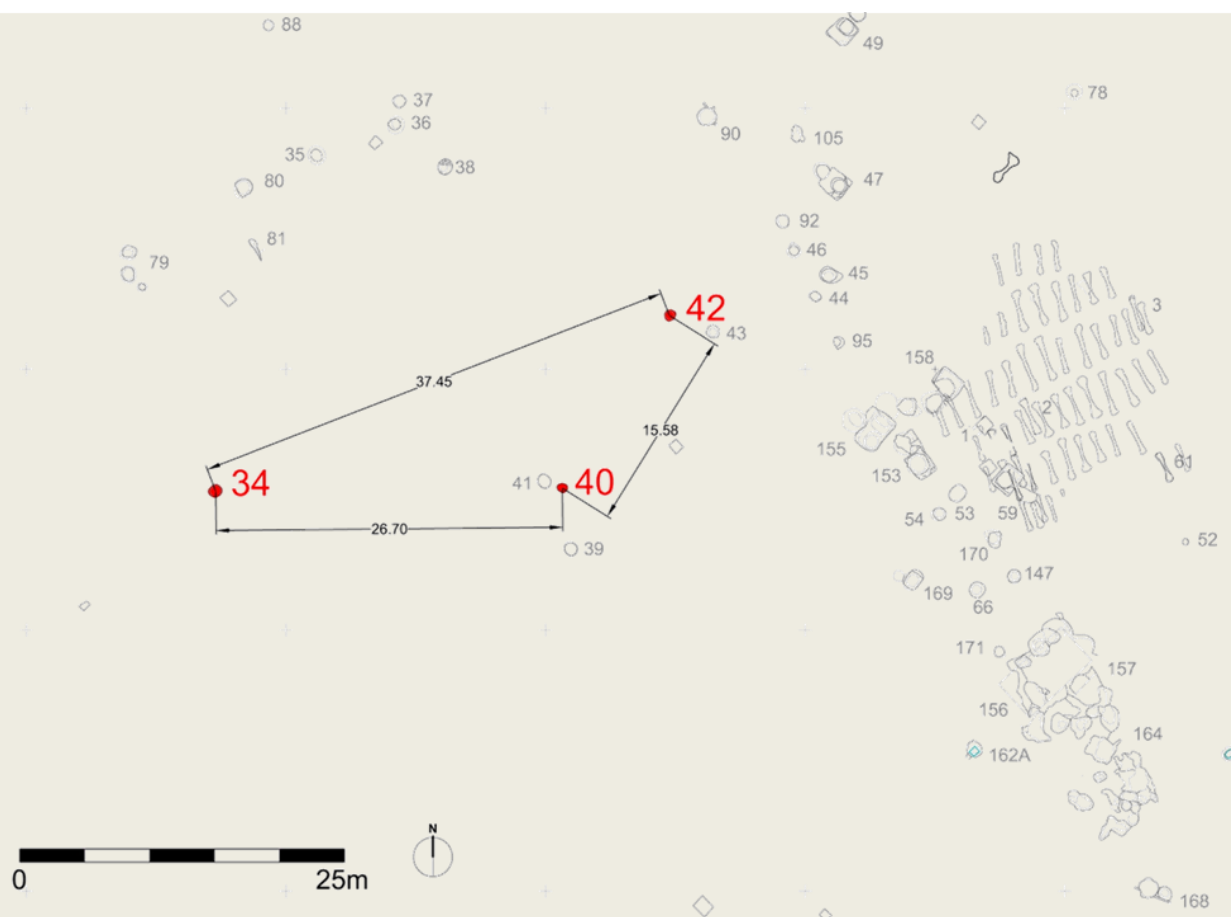


Fig. 5.— Localização dos “fossas” nº 34, nº 40 e nº 42, com a indicação da distância entre elas

No presente texto gostaríamos de dar a conhecer alguns exemplos de sequências estratigráficas presentes em estruturas de tipo “fossa”, nomeadamente ao modo como são usados os recipientes cerâmicos em deposições. Porém, antes de prosseguirmos neste exercício, vejamos o que podemos entender por “deposição”. A este propósito, num estudo acerca das deposições de “pesos de tear” de Castelo Velho de Freixo de Numão, S. Gomes escreve o seguinte:

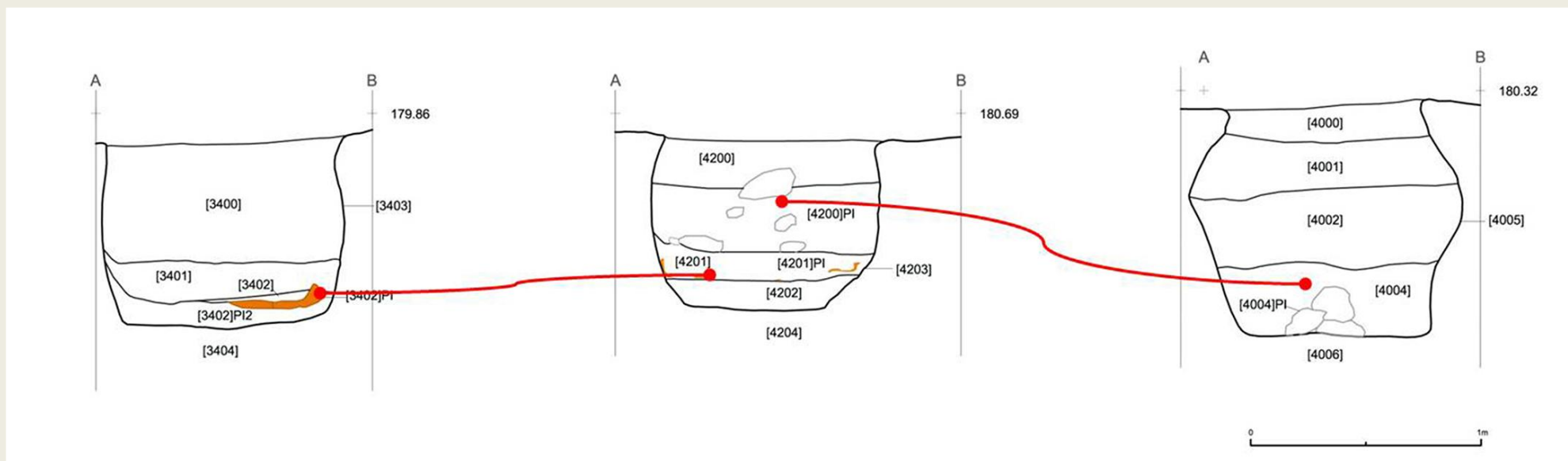


Fig. 6. — Indicação esquemática das ligações entre as “fossas” nº 34, nº 40 e nº 42

“devemos entender a «deposição» mais como a expressão da nossa historicidade do que como uma prática da mundanidade que desejamos conhecer. A «deposição» é uma expressão da gramática com a qual construímos o nosso mundo, o modo como sedentarizamos as coisas para lhes construirmos um conjunto de significados que conferem sentido ao nosso encontro com essas coisas. A «deposição» é uma consequência da fisicalidade do contexto arqueológico e, conseqüentemente, não é uma interpretação que se sustente apenas por si. É um ponto de partida para indagarmos o seu sentido, não enquanto um conjunto de justaposição de signos que nos oferece um livro onde se conta a história do mundo, mas uma evanescente sequência de performances com as quais pensamos outras historicidades, outras mundanidades” (Gomes no prelo).

Inspirados nesta proposta, tentamos operacionalizar o conceito de “deposição” na discussão dos contextos de Montinhos 6. Ou seja, entendemos que a deposição é, então, uma consequência da fisicalidade do contexto arqueológico e não uma interpretação em si, tratando-se de uma estratégia que, consciente da historicidade da nossa prática enquanto arqueólogos, tem como objetivo indagar o sentido de uma dada materialidade.

Nas deposições de Montinhos 6 ocorrem várias categorias artefactuais, nomeadamente fragmentos cerâmicos que remetem para distintas práticas de fragmentação.

O estudo da remontagem de cerâmicas de Montinhos 6, tem permitido verificar uma distribuição deliberada de fragmentos entre depósitos e estruturas. Este estudo, que ainda se encontra em curso, fornece variadíssimos exemplos, dos quais apresentamos uma seleção.

“Fossas” nº 34, nº 40 e nº 42

Estas estruturas apresentam plantas sub-circulares, ligeiramente fechadas e corpos cilíndricos e profundidades entre 73 e 100 cm. Considerando as suas sequências de enchimentos e os elementos artefactuais presentes, conseguimos estabelecer ligações entre as “fossas” nº 34 e nº 42, e entre as “fossas” nº 42 e nº 40. Como veremos, tais ligações assentam em colagens entre fragmentos cerâmicos provenientes das diferentes estruturas (Figs. 5 e 6).

Vejamos, em pormenor, os contextos presentes nas estruturas nº 34 e nº 42 (sequências apresentadas do topo para a base das estruturas):

A “fossa” nº 34 é constituída por cinco depósitos de enchimento (Fig. 7). O 1º depósito, UE 3400, caracteriza-se por apresentar uma matriz argilosa, compacto e homogéneo de coloração castanha avermelhada com cerca de 50 cm, onde

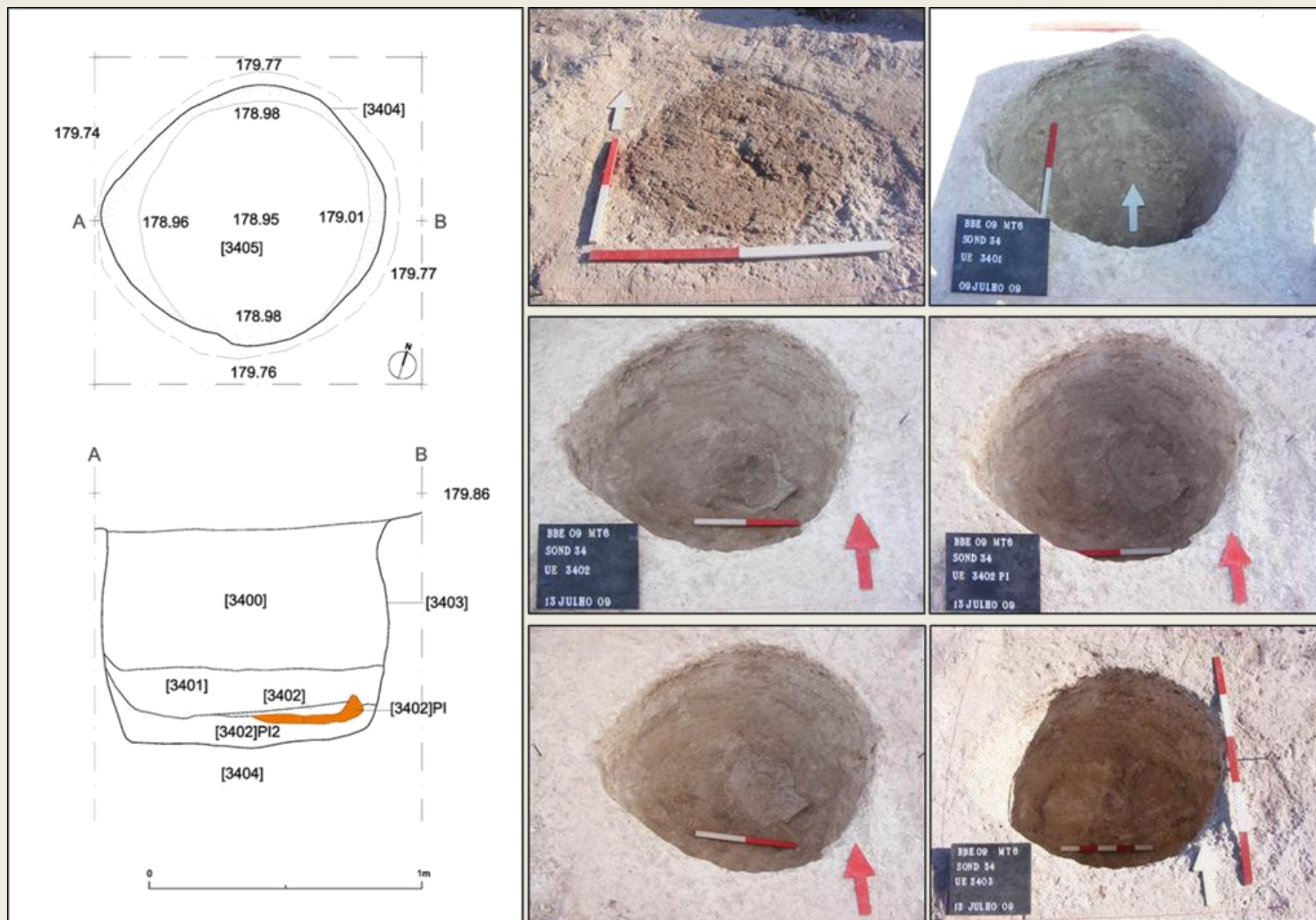


Fig. 7.— Plano Final e Secção da “fossa” nº 34 e fotografias dos depósitos identificados

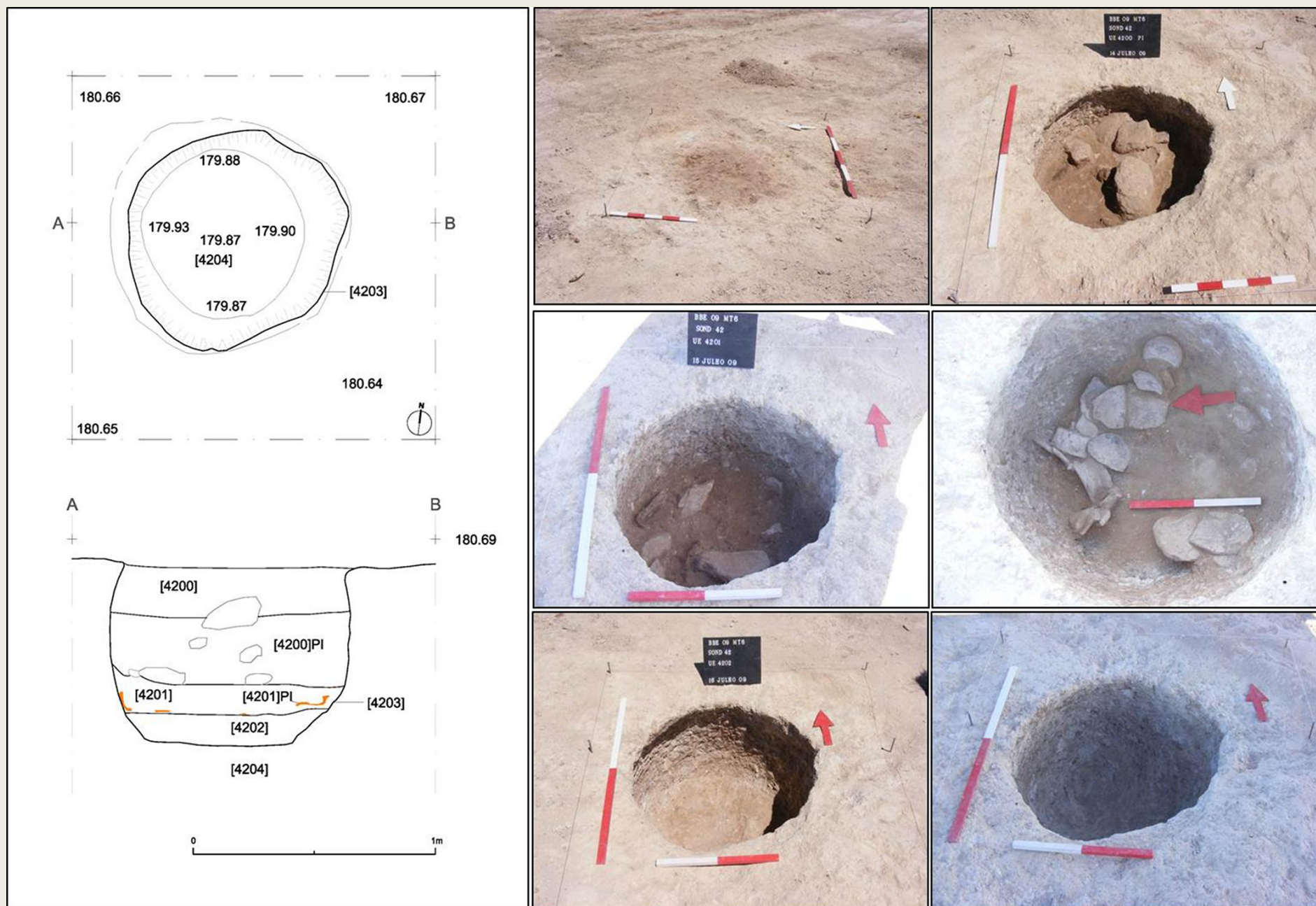


Fig. 8.— Plano Final e Secção da “fossa” nº 42 e fotografias dos depósitos identificados

foram recuperados apenas seis fragmentos bastante erodidos; o 2º depósito, UE 3401, é constituído fundamentalmente por caliços (isto é, o substrato geológico), onde se identificou um pequeno fragmento cerâmico. Este depósito de “caliços” cobria uma mancha de carvões, UE 3402 (3º depósito), localizada no centro da estrutura sobre um grande fragmento cerâmico, que foi registado como UE 3402PI. Este fragmento, depositado na horizontal (4º depósito), apresentava-se partido *in situ* (em cinco fragmentos) e corresponde a uma pança decorada com mamilo de um grande vaso. Assentava no 5º depósito, identificado como 3402PI2, caracterizado por um sedimento com muitas inclusões de “caliços” e “xistos” do substrato local, sem qualquer elemento artefactual.

A “fossa” nº 42 apresenta outras particularidades (Fig. 8). Foram identificados cinco depósitos: o 1º depósito, UE 4200, apresentava uma matriz argilosa de coloração castanha clara, compacto e homogéneo, que cobria um nível de elementos pétreos, UE 4200PI (2º depósito). Entre as pedras foram exumados 39 fragmentos cerâmicos e dois líticos. Sob este nível pétreo, surge um 3º depósito, UE 4201, que cobria, por sua vez, um depósito de 65 fragmentos cerâmicos e dois líticos, UE 4201PI (4º depósito). Com o levantamento destes elementos artefactuais, definiu-se o 5º depósito, muito semelhante ao 1º, que se encontrava “vazio” de elementos artefactuais. Na remontagem dos 104 fragmentos cerâmicos das UEs 4200PI e 4201PI, verificou-se a presença 26 recipientes distintos, apenas um completo.

Relacionando as “fossas” nº 34 e nº 42 estão o fragmento proveniente da UE 3402PI e um dos fragmentos localizado na UE 4201PI. Estes dois elementos foram depositados obedecendo a soluções distintas. O primeiro ocorre isolado, num plano horizontal, e o segundo provém de um depósito onde participam outros fragmentos (Fig. 9).

Tendo presente a descrição da “fossa” nº 42, vejamos a sequência de enchimento da “fossa” nº 40.



Fig. 9.— Colagens estabelecidas entre fragmentos das “fossas” nº 34 e nº 42

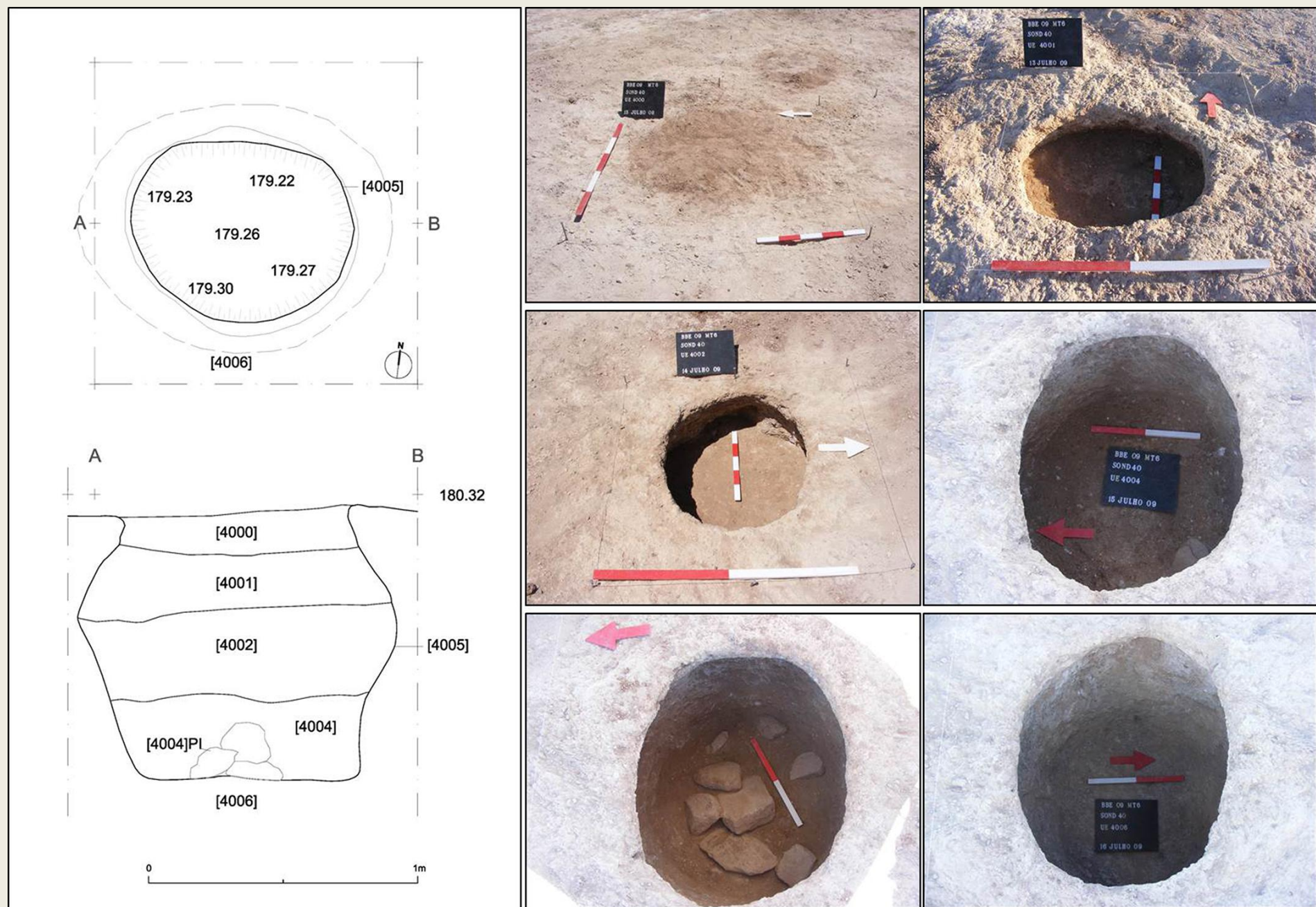


Fig. 10. — Plano final e secção da “fossa” nº 40 e fotografias dos depósitos identificados

Na “fossa” nº 40 foram reconhecidos cinco depósitos (Fig. 10). Os três primeiros depósitos eram constituídos apenas por sedimento, UEs 4000, 4001 e 4002. Apresentavam matriz argilosa e coloração castanha e distinguíam-se por apresentarem tonalidades e compactação distintas. O 1º depósito não tinha qualquer elemento artefactual, o 2º apenas 1 fragmento cerâmico e o 3º um fragmento cerâmico e um lítico. O 4º depósito, UE 4004, apresentava-se mais heterogéneo, com maiores inclusões de “caliços” e “xistos” característicos do substrato local, onde se identificaram nove fragmentos cerâmicos. Este cobria um nível de elementos pétreos de médio calibre, UE 4004PI (5º depósito), entre os quais se reconheceram seis fragmentos de mó e um percutor e cinco fragmentos cerâmicos. Esta concentração encontrava no centro e base da estrutura.

No caso das “fossas” nº 40 e nº 42, o exercício de remontagem permitiu estabelecer ligações entre 3 fragmentos da UE 4004 e 10 fragmentos da UE 4202PI (constituído por fragmentos de pança). Neste caso em específico, é possível observar marcas (de talhe) nos fragmentos, que sugerem uma prática de fragmentação deliberada. No caso destas duas estruturas, os elementos que as ligam são provenientes de depósitos que cobrem níveis pétreos, partilhando semelhanças no modo como ocorrem (Fig. 11).

“Fossas” nº 100 e nº 120

Estas estruturas apresentavam plantas sub-circulares, ligeiramente fechadas e corpos cilíndricos, contudo as profundidades variam entre 100 e 200 cm (Figs. 12 e 13).

A “fossa” nº 100, a mais profunda, apresentava 9 depósitos de enchimento (Fig. 14):

O 1º depósito, UE 10000, apresentava uma matriz argilosa, compacto e homogéneo, no qual foram exumados 20 fragmentos cerâmicos e três líticos.



Fig. 11.— Colagens estabelecidas entre fragmentos das “fossas” nº 40 e nº 42

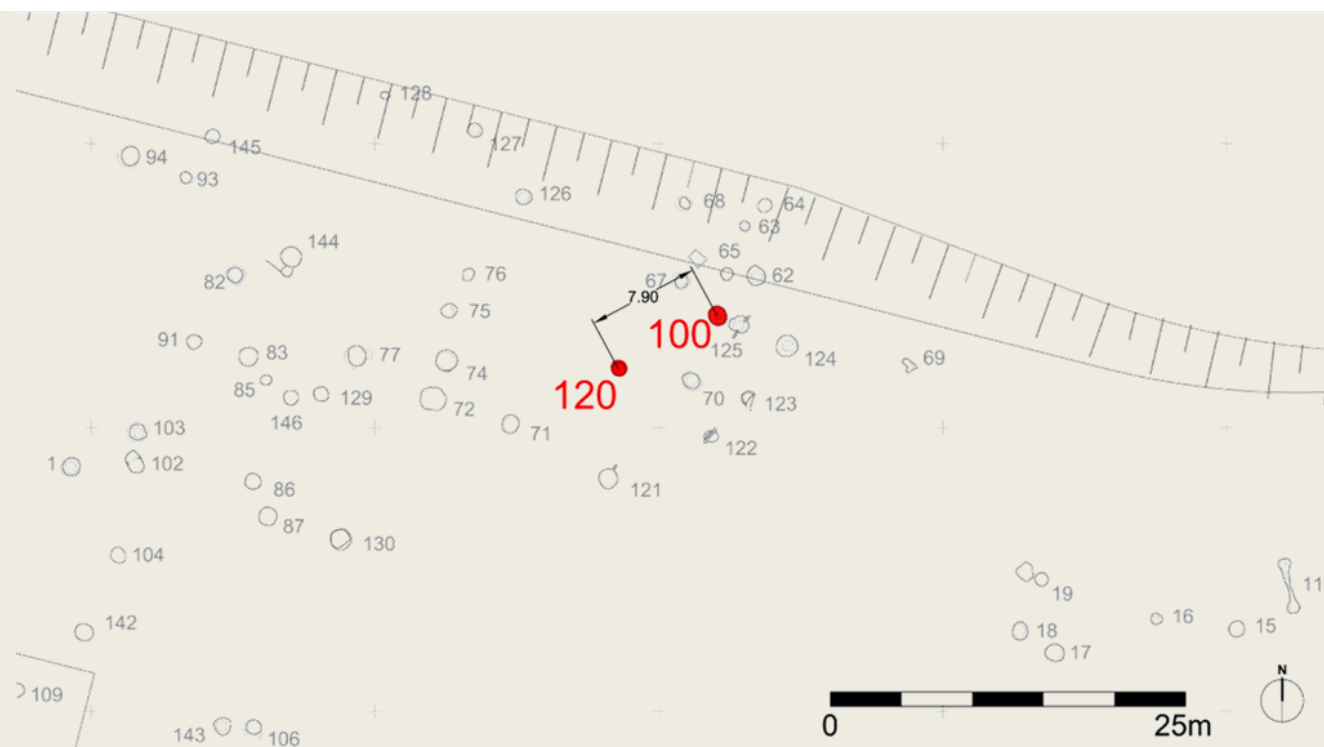


Fig. 12.— Localização dos “fossas” nº 100 e nº 120, com a indicação da distância entre elas

O 2º depósito, UE 10001 corresponde a um sedimento muito similar ao substrato local, contudo forneceu 11 fragmentos cerâmicos, cinco líticos e nove fragmentos indeterminados de fauna mamalógica.

O 3º depósito, UE 10002, apresenta-se bastante desagregado com inclusões de “caliços”, “xistos” e algumas pedras. Foram recolhidos sete fragmentos cerâmicos e quatro líticos. As características dos elementos artefactuais indiciam uma ocorrência residual, apresentam dimensões reduzidas e arestas e superfícies desgastadas.

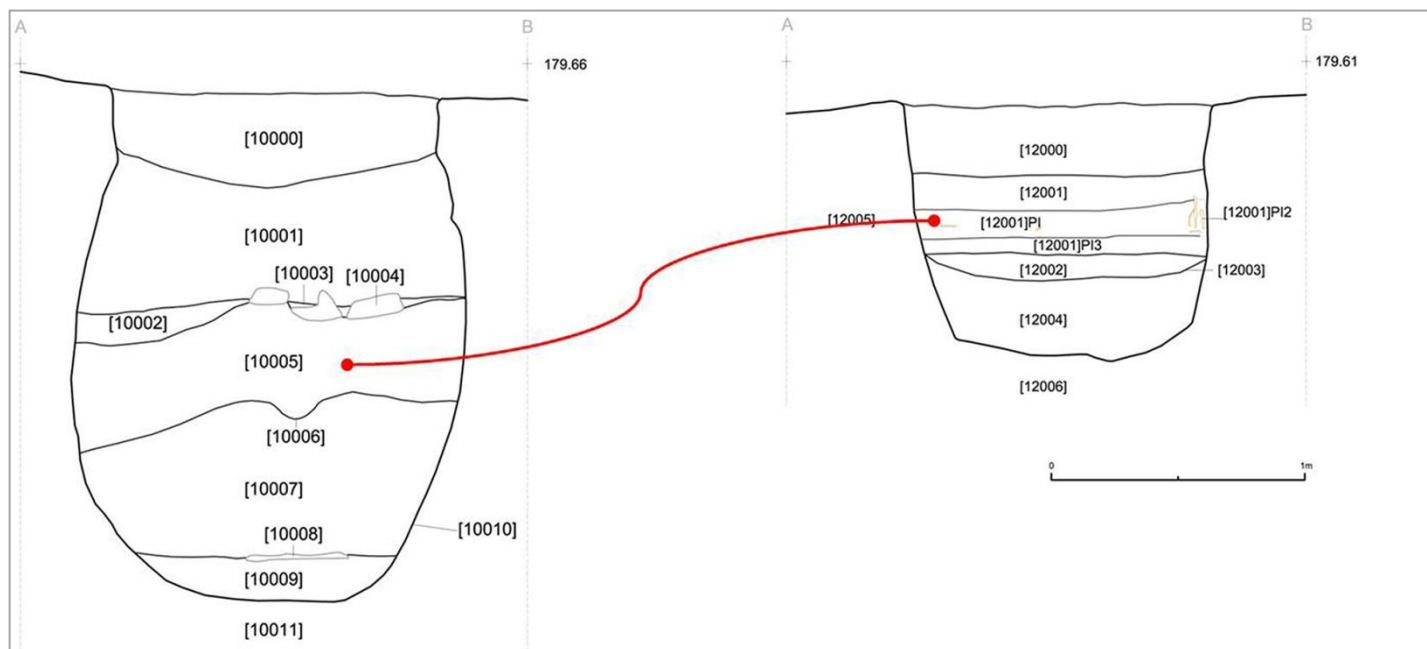


Fig. 13. — Indicação esquemática das ligações entre as “fossas” nº 100 e nº 120

Após a remoção dos depósitos acima descritos, foi identificada a deposição de uma haste de veado (UE 10004) sobre a qual se encontrava um vaso esférico fechado, voltado para baixo (UE 10003) (4º e 5º depósitos). Com a reconstituição deste vaso, verificou-se que este se encontrava incompleto, e que os fragmentos em falta não se encontram em qualquer um dos depósitos da estrutura (Fig. 15).

Esta deposição assentava no 6º depósito de enchimento, um sedimento castanho avermelhado e desagregado, com a ocorrência de 25 fragmentos cerâmicos, um fragmento de “peso de tear”, cinco líticos e 24 fragmentos de fauna mamalógica. Esta amostra revelou fragmentos de diversos tamanhos, permitindo reconhecer algumas formas cerâmicas. Um dos fragmentos apresenta uma decoração com nervuras verticais, com as superfícies brunidas.

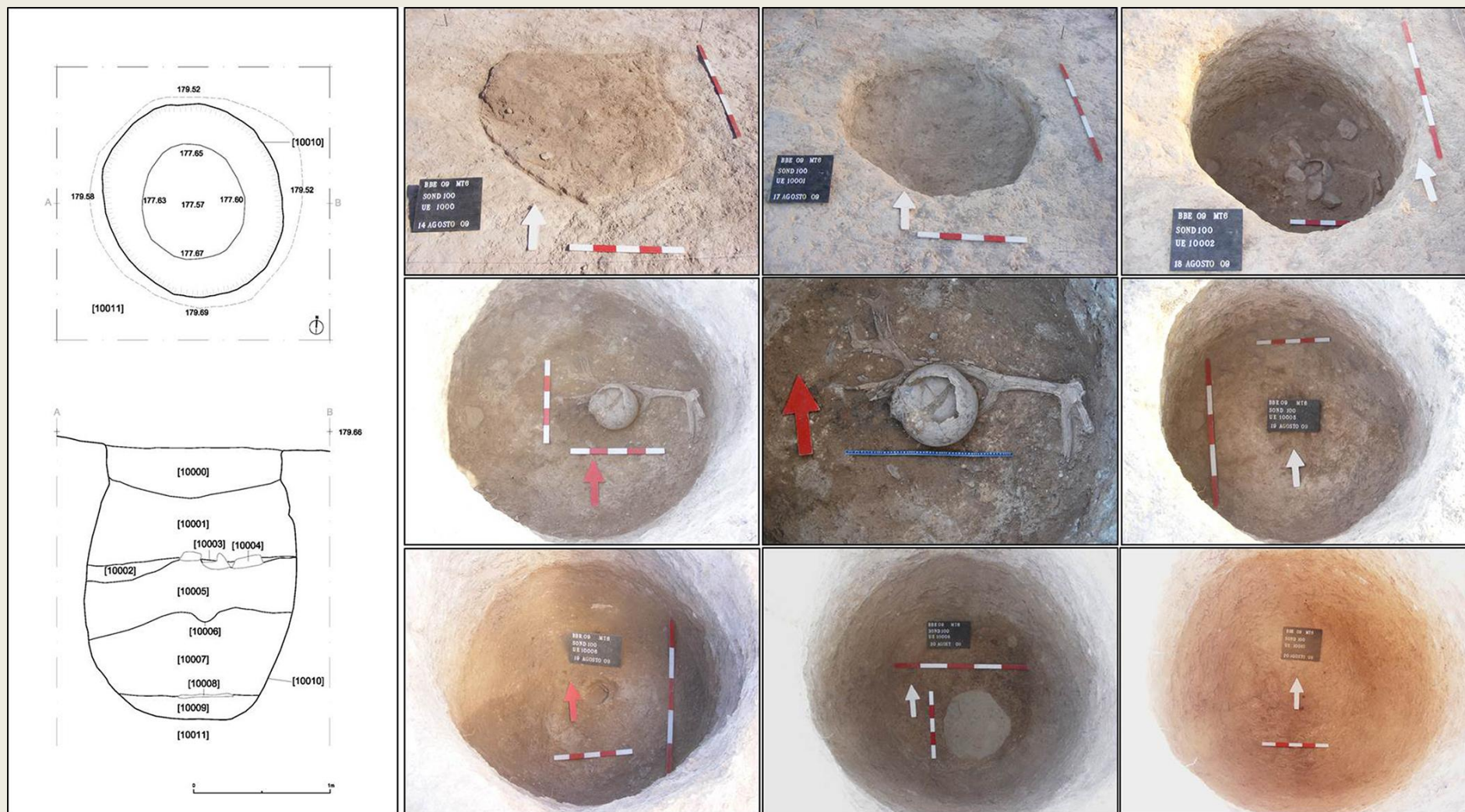


Fig. 14. — Plano Final e Secção da “fossa” nº 100 e fotografias dos depósitos identificados

Este depósito preenchia uma interface de forma sub-circular, localizada no centro da estrutura, que entendemos tratar-se de um buraco de poste, UE 10006.

Esta interface corresponde ao topo de 7º depósito, UE 10007, identificado na estrutura, trata-se de um depósito com bastantes inclusões de “caliços” e “xistos” e um número reduzido de elementos artefactuais (17 fragmentos cerâmicos e um lítico).

Sob este depósito surge, colocada na horizontal, uma laje afeiçãoada em xisto de forma sub-circular com 53cm de diâmetro, UE 10008.

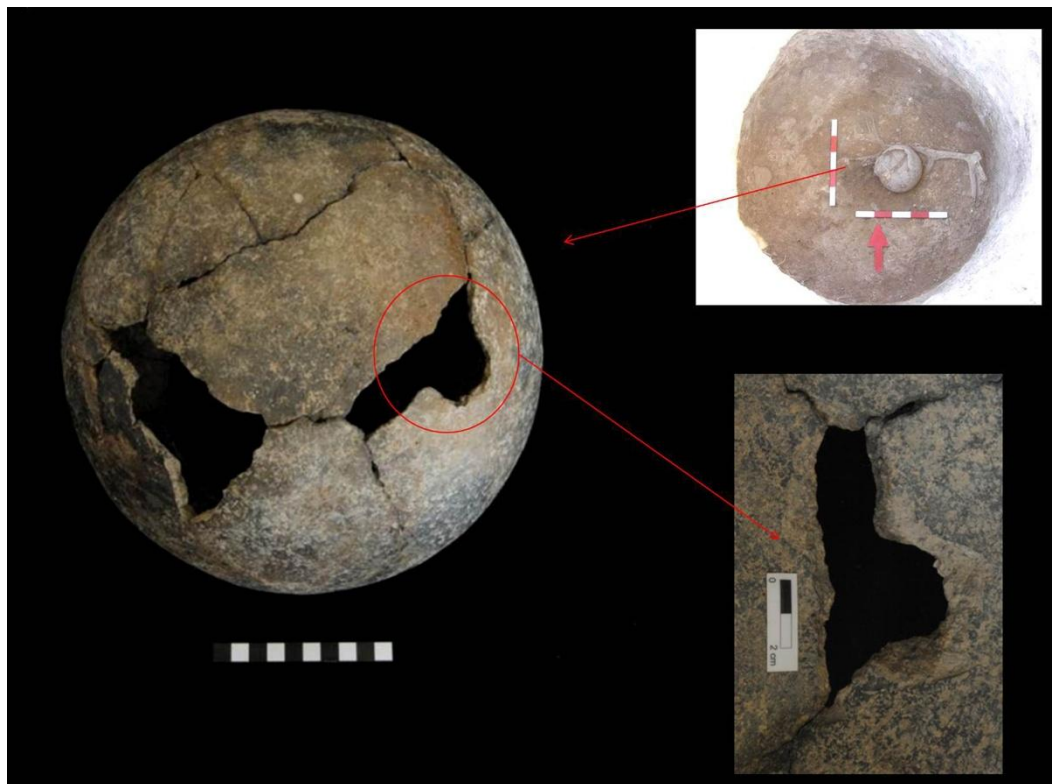


Fig. 15.— Vaso exumado na “fossa” nº 100. Pormenor da quebra pelo lado interior (foto do lado direito)

Por último, individualizou-se o 8º depósito, muito semelhante ao 7º, caracterizado pela expressiva presença de “caliços” e “xistos” e um número reduzido de elementos artefactuais (sete fragmentos e um lítico).

Esta estrutura, tendo em conta as características dos sedimentos, nomeadamente a frequência de “caliços” e “xistos”, revela ritmos distintos de colmação. Por um lado, depósitos com alguns elementos artefactuais, por vezes de dimensões reduzidas, que se apresentam de forma aleatória, e por outro, depósitos de elementos, que pelo seu carácter “estruturado” num plano horizontal, marcam momentos específicos de utilização da estrutura.

A “fossa” nº 120 apresenta uma sequência distinta, mas não menos complexa que a “fossa” nº 100, com sete depósitos identificados (Fig. 16):

O 1º depósito, UE 12000, apresenta uma coloração castanha clara com inclusão de “caliços” e “xistos”, pouco compacta, onde foram exumados 47 fragmentos cerâmicos, cinco líticos e dois fragmentos de fauna.

A UE 12001, foi desdobrada em três planos intermédios: UEs 12001PI, 12001PI2 e 12001PI3. Tratar-se-iam de quatro depósitos distintos (muito embora as características físicas do sedimento sejam as mesmas), pela forma como agrega os elementos que os compõem (2º, 3º, 4º e 5º depósitos considerados). A UE 12001 corresponde a um depósito, desagregado e heterogéneo, com inclusões de “caliços” e “xistos”, com a presença de alguns carvões, que abrange toda a área da “fossa”, cobre as UEs 12001PI e 12001PI2. Foram recolhidos 48 fragmentos cerâmicos e sete fragmentos de fauna. A UE 12001PI2 trata-se de uma deposição de partes de vasos colocados na vertical, encostados a parede Este da estrutura. Esta concentração é constituída por partes de vasos (tronco-cónicos e ovoídes) associados a 2 líticos (Fig. 17). Esta deposição encontrava-se sustentada por um depósito, onde se recolheram 60 fragmentos cerâmicos, oito líticos e 12 fragmentos de fauna. Estes elementos encontravam disseminados pelo depósito, encontrando-se dispostos com inclinações diversas, como é possível observar na

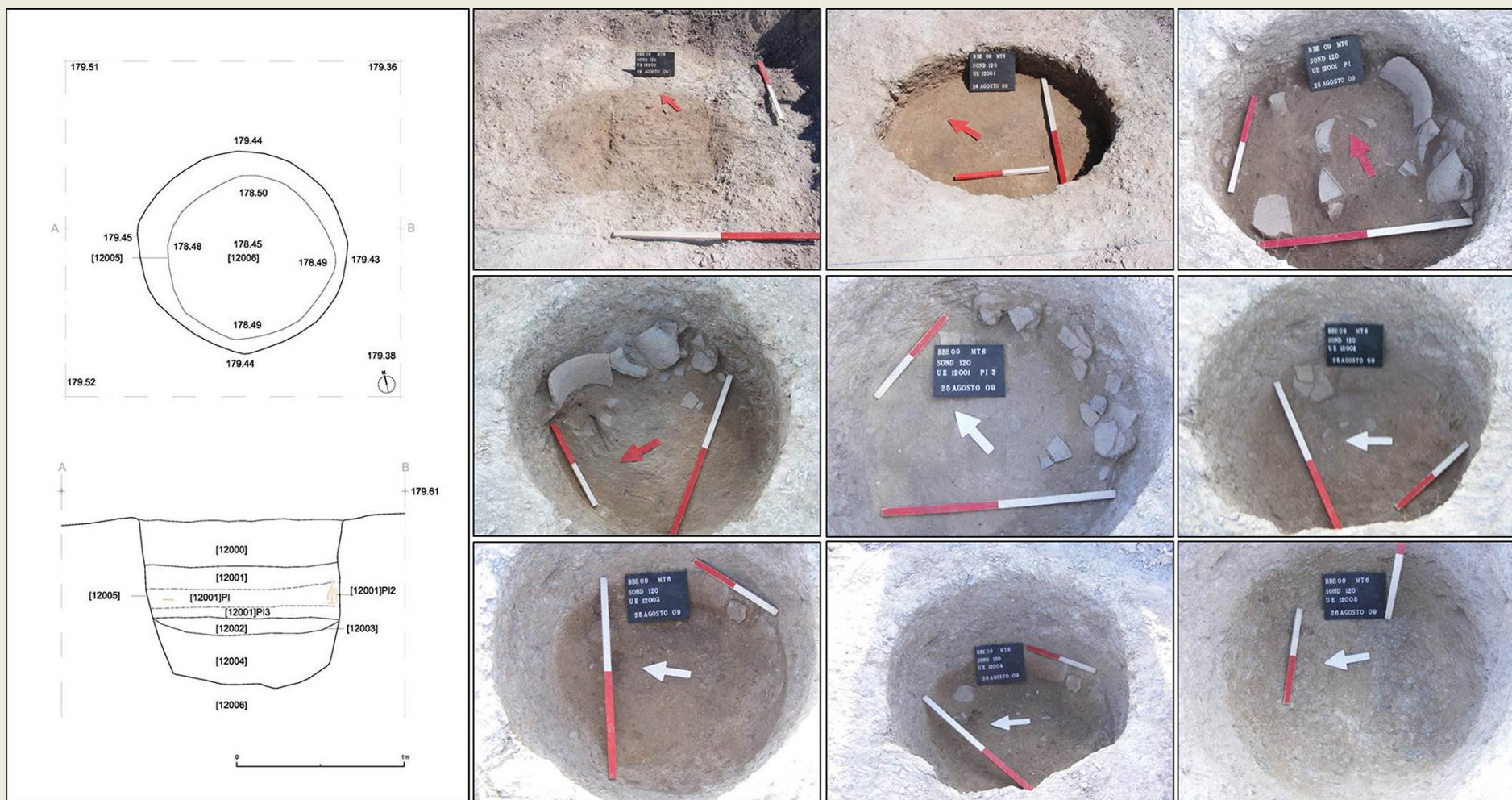


Fig. 16.— Plano Final e Secção da “fossa” nº 120 e fotografias dos depósitos identificados

fotografia correspondente a UE 12001PI. Estes fragmentos correspondem a um elevado nº de vasos diferentes, nomeadamente um conjunto de fragmentos do mesmo vaso com decoração com nervuras verticais, com as superfícies brunidas. Após o desmonte da concentração de partes de vasos, definiu-se a UE 12001PI3, que à semelhança da UE 12001PI2, se concentra no lado Este da parede, contudo apresentando um número elevado de fragmentos de vasos diferentes.

O desdobramento da UE 12000 permite-nos, então, considerar uma sequência de quatro depósitos que correspondem aos momentos de ocultação, sustentação e construção de uma base de uma deposição de partes de vasos.



Fig. 17.— Vasos que se encontram encostados à parede Este da “fossa” nº 120

Sob esta sequência, surge o 6º depósito considerado, UE 12002, muito semelhante ao substrato geológico. Apresentava 23 fragmentos cerâmicos, cinco líticos e nove fragmentos de fauna.

Por último, refira-se a UE 12004, um depósito arenoso, de coloração castanha amarelada, no qual se exumaram 26 fragmentos cerâmicos, cinco líticos e seis fragmentos de fauna.

A sequência de enchimento identificada na “fossa” nº 120 permite-nos pensar a ocorrência dos elementos artefactuais em duas perspetivas. Por um lado, focalizado nos objetos e, por outro, em depósitos que contêm “coisas”. Isto é, na sequência existem “episódios de enchimento” que são polarizados por fragmentos cerâmicos e “episódios” em que o enchimento se trata de um depósito que contém elementos cerâmicos.

No caso das “fossas” nº 100 e nº 120, que apresentam modos distintos de “construção”, encontram-se ligadas pela identificação de uma colagem entre fragmentos do vaso com decoração com nervuras verticais, provenientes da UE 10005 e da UE 12001PI (Fig. 18).

“Fossa” nº 146

A “fossa” nº 146, que notoriamente foi afetada pela abertura de vala, mas que não é possível aferir o quanto, corresponde a uma estrutura de planta sub-circular, paredes retas e base aplanada. A “fossa” apresenta três depósitos de enchimento (Fig. 19):

O 1º depósito caracteriza-se por um sedimento arenoso, compacto e com inclusões de “caliços” e “xistos” onde foram exumados 28 fragmentos cerâmicos.

O 2º depósito corresponde a uma deposição de partes de dois vasos (metades), em associação com partes mais incompletas de outros recipientes. Sobre estes elementos cerâmicos encontrava-se uma mó de grandes dimensões.

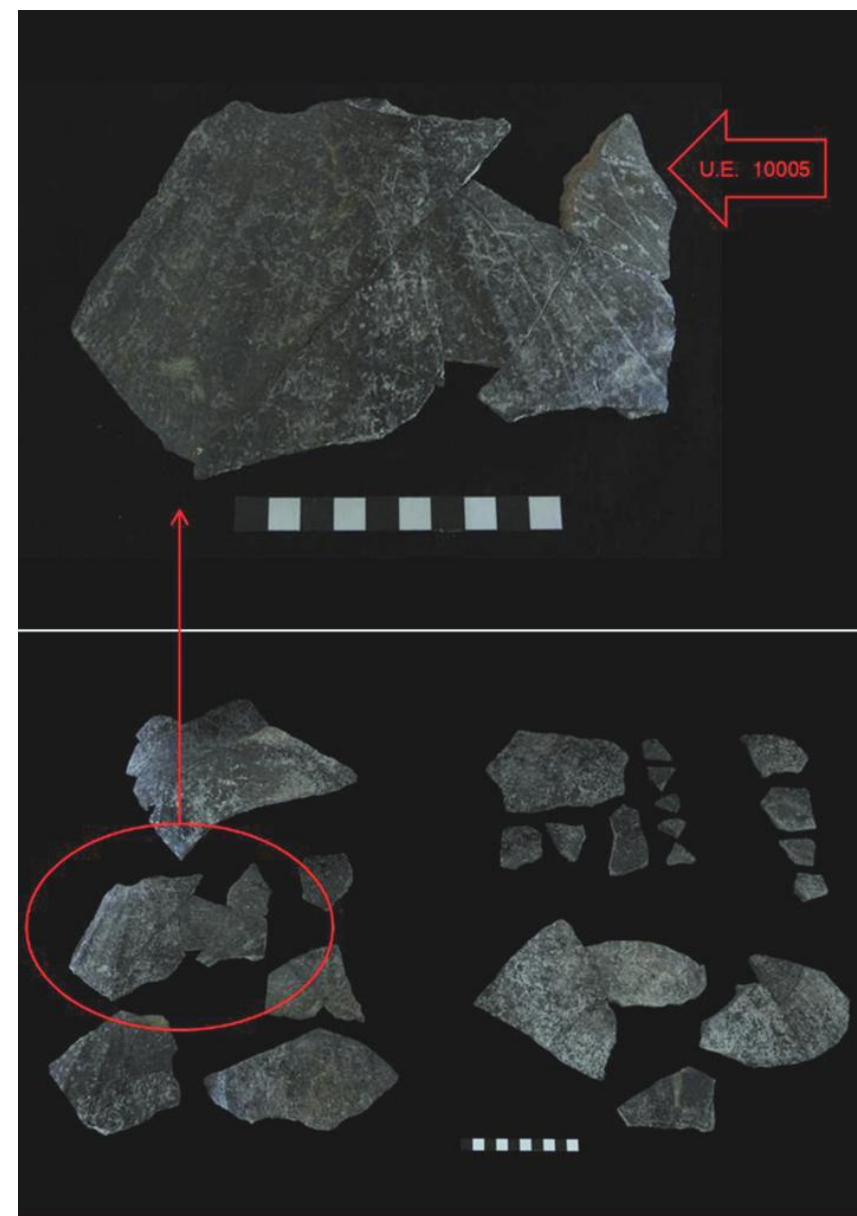


Fig. 18.— Colagens estabelecidas entre fragmentos das “fossas” nº 100 e nº 120

Por último, identificou-se o 3º depósito, semelhante ao substrato geológico, onde foram exumados cinco fragmentos, sendo que três colavam com fragmentos depositados na UE 14602.

Observando em pormenor o plano onde ocorrem as metades de vasos, é possível constatar que o vaso de grandes dimensões estaria na vertical, no lado Este da estrutura, tendo ruído posteriormente à sua deposição, iniciando-se um processo de fragmentação *in situ*. Este exemplo, desta feita polarizado em objetos, reflete uma das formas de ocorrência, deposição de metades de vasos, que ganham alguma representatividade no sítio de Montinhos 6.

Comentários

Partindo dos exemplos das “fossas” nº 34, nº 40, nº 42, nº 100, nº 120 e nº 146, que apresentam diferenças acentuadas, a presença de metades ou vasos quase completos são comuns a todas elas. Diferem nas suas relações com os outros elementos, se ocorrem isoladas ou em associação a outras cerâmicas e/ou a outras categorias artefactuais.

Na fossa 120, onde as partes de vasos quase completos, depositados junto à parede Este da “fossa”, são sustentados por um depósito que contém outros fragmentos cerâmicos, nomeadamente 44 fragmentos de um vaso decorado, com nervuras verticais delimitadas por caneluras, verificámos formalizações que remetem para ações estruturadas a partir de elementos distintos. Por um lado, focalizado nos objetos e, por outro, em depósitos que contêm “coisas”¹². Este olhar sobre este contexto, “os vasos encostados à parede da “fossa” e “o depósito que contém coisas”, expressa processos de fragmentação e pós-fragmentação com dinâmicas distintas, que parecem estar em associação com a construção do enchimento das estruturas. Deste modo, realçamos que o estudo das práticas de fragmentação não deve ser exclusivamente polarizadas em objetos, mas também em outros dispositivos com que se *faz arquiteturas*.

12. A propósito “da deposição de depósitos com coisas”, é de referir que num trabalho recente sobre fragmentação de materiais cerâmicos no sítio Vale de Éguas 3 (Serpa), enquadrável no IIIº milénio a.C., foi também identificado um caso em que os fragmentos parecem depositados enquanto parte integrante de um depósito (Baptista e Gomes 2012a). Este estudo, centrado numa das estruturas da estação, revelou a presença de 2 recipientes cerâmicos: o primeiro, parte de um prato (quase metade, depositado num plano horizontal); o segundo, um vaso esférico fechado, que foi remontado a partir dos fragmentos recuperados de três depósitos distintos. A integridade e forma de ocorrência destes dois vasos são distintas, por um lado, a parte do prato encontra-se inteira e num plano horizontal, por outro, o vaso esférico remontou-se dos fragmentos distribuídos pelos depósitos. A aparente aleatoriedade da distribuição dos fragmentos pelo depósito, que se estabeleceu no processo de escavação, durante a remontagem revelou uma distribuição ordenada dos fragmentos, parecendo existir “uma tendência de concentração das partes do vaso (fundo, bojo e bordo) nas três UEs consideradas, ocorrendo tendencialmente os fragmentos da parte inferior do recipiente nas UEs 202 e 203 e os fragmentos da parte superior na UE 204” (*Ibidem* 599).

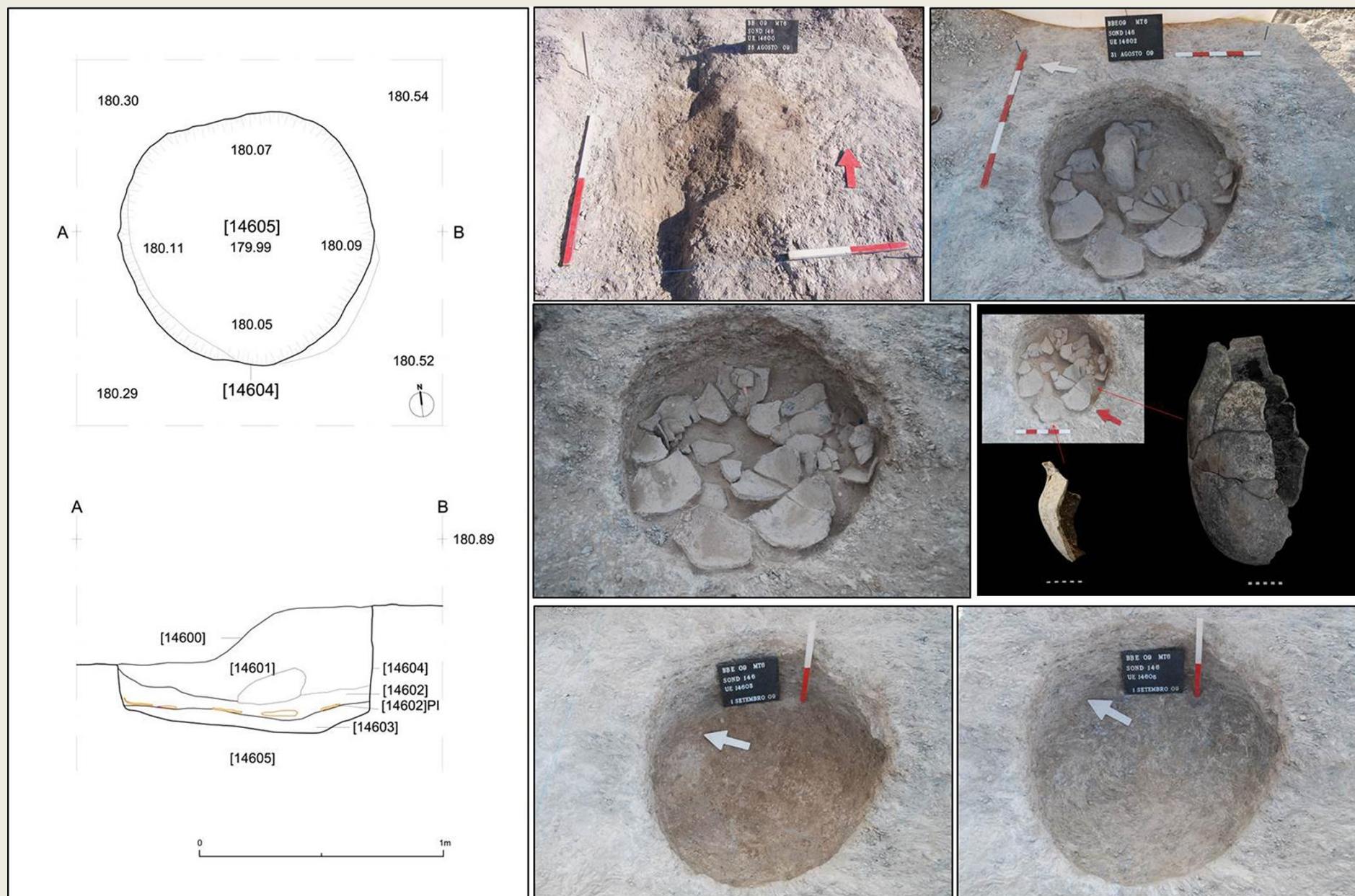


Fig. 19.— Plano Final e Secção da “fossa” nº 146, fotografias dos depósitos identificados e fotografias dos vasos após remontagem

4. NOTAS FINAIS

As práticas deposicionais aqui documentadas revelam uma profusa variabilidade de cenários. A participação de diferentes categorias artefactuais, depósitos e estruturas como dispositivos arquitetónicos, revelam uma multiplicidade de elementos participantes numa rede de ações de uso e construção de coisas.

O nosso olhar sobre a prática de fragmentação e deposição de materiais tem sido influenciado por alguns autores (Chapman 2000; Chapman e Gaydarska 2007; Garrow *et al.* 2005; Jorge 2003; 2007; no prelo; McFayden 2006; no prelo, por exemplo). Conceitos como fragmento, deposição e arquitectura são explorados em vários estudos. Nos próximos pontos ensaiaremos o que entendemos por cada um deles.

Deposição

Susana Oliveira Jorge (2003: 8), a propósito da denominação de deposição, e alertando para o seu carácter ambíguo, define-a como “«colocações» a que preside uma intencionalidade de pousar/ocultar/condenar materialidades segundo procedimentos codificados, tendo em conta enquadramentos cerimoniais e sentidos contextuais muito diversos”. E acrescenta que esta denominação aglutina um leque de situações, que só se justifica pela ausência de melhor solução terminológica. Mais tarde, S. Jorge (2007: 10) volta à discussão sobre o uso indiscriminado do termo deposição e diz: “a análise das deposições converge, em geral, para duas perplexidades: - a «deposição» é um conceito excessivamente amplo que não explica a grande variedade de acções e sentidos inerentes ao «acto de depor»; - «deposição» como categoria social aglutinadora, não deve ser tomada como forma privilegiada de «ritual»”. Ou seja, se considerarmos deposições estruturadas como uma forma de “ritual”, então nada escapa ao ritual. O que significaria discutir o conceito de “ritual” e a sua

aplicabilidade e encontrar novas nomenclaturas mais adequadas à complexidade e heterogeneidade das deposições pré-históricas. Sugere que se desenvolva um olhar sobre os contextos arqueológicos que privilegie a construção de uma “rede de acções” (2010). Tal rede de acções não se esgota na fixação de um sentido, permitindo a discussão sobre possibilidades e os limites da acção para determinado contexto.

Na nossa perspetiva, como aliás já foi referido, o termo deposição pode se entendido enquanto decorrente da fisicalidade do contexto arqueológico e, consequentemente, não é uma interpretação que se sustente apenas por si (Gomes no prelo); são linhas limitadoras do contexto arqueológico, projetadas pelo arqueólogo, que une coisas, que as ordena, e dá sentido.

A nossa pretensão é interrogarmo-nos acerca dos modos de produção de espaços, estabelecendo “redes de acções” entre enchimentos, estruturas e materiais e endereçar inqueritos ao “registo arqueológico” sobre os modos de deposição/construção em estruturas em negativo.

Arquitetura

No seu texto *Material culture as architecture*, Lesley McFadyen (2006) interroga-se se não deveríamos entender a cultura material como arquitectura? E se a produção de cultura material é uma parte da produção de arquitectura? E ainda, porque deverá a cultura material ser explicada exclusivamente em termos de objetos que foram colocados em redor de um objeto edificado maior? Recorrendo-se do conceito de *taskscape* (paisagem de tarefas) aplicado à arquitectura, em vez de ver as práticas técnicas ocorrendo em volta da forma construída, considera essas tarefas como parte de um processo de construção e de fazer arquiteturas. É com esta linha de pensamento que nos debruçamos sobre o enchimento das estruturas em negativo.

Fragmento

Quanto ao estudo da fragmentação fomos influenciados por J. Chapman (2000; Chapman e Gaydarska 2007) e L. McFayden (no prelo). A abordagem de Chapman, reside na ideia de que múltiplos objetos foram deliberadamente partidos para produzir fragmentos. Estes fragmentos seriam trocados, reutilizados “após a quebra” e, finalmente, depositados em fossos, fossas ou outros contextos. Os fragmentos, outrora pertencentes ao mesmo objeto, adquirem vidas próprias, ao estabelecerem relações encadeadas entre as pessoas, do mundo dos vivos ou mortos, e outros materiais, tendo um papel importante na criação da *personhood*, de lugares e constante negociação de tensões sociais das sociedades pré-históricas. Deste modo, as práticas de fragmentação, encadeamento e acumulação encontram-se interligados. Os fragmentos remetem para o todo e o seu encadeamento com outros transformam-se em símbolos de relacionamento. Esta abordagem, que permitiu desenvolver novas metodologias sobre os estudos dos fragmentos em arqueologia, concentra-se na fragmentação intencional e na interligação do fragmento com o todo (ou seja, o caco será sempre uma referência ao vaso).

Numa outra perspectiva, L. McFayden enceta o estudo da fragmentação focalizado nas histórias dos fragmentos após-fragmentação. Procura contar as histórias dos fragmentos desde a sua fratura até à sua deposição final. Deste modo, o fragmento torna-se a sua unidade de estudo. Considera o fragmento desligado do vaso, e coloca-o em associação com outros fragmentos e formas construídas.

Embora as duas perspetivas, de Chapman e McFayden, tenham enfoques distintos, o estudo da fragmentação em Montinhos 6, reconhece a importância do fragmento das duas abordagens. As histórias que um fragmento comporta, desde sua quebra até à sua incorporação em deposições formalizadas ou em depósitos, não permitem estabelecer se a relação fragmento-vaso se mantêm ou não (e é esta relação que distingue os dois investigadores). A presença de

metades de vasos em alguns contextos aqui enunciados, quase que de forma imediata, nos leva a perguntar: onde está a outra metade? Não significa que o nosso propósito seja a busca do inteiro, do completo, mas sim uma procura de padrões de fragmentação em deposições estruturadas.

Agradecimentos: a Susana O. Jorge, Sérgio Gomes e Lesley McFayden pela inspiração e incentivo; a Rodry Mendonça (SIG); e a João Molha (fotografia de espólio).

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, C. *et al.* (2010): “Hipogeus funerários do Bronze Pleno da Torre Velha 3 (Serpa Portugal). O Sudeste no Sudoeste?”. *Zephyrus* LXVI: 133-153.
- ANTUNES, A.S. *et al.* (2012): “Povoados Abertos do Bronze Final na Médio e Baixo Guadiana”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final. Anejos de AEspA* LXII. Badajoz: 277-308.
- ARMBRUSTER, B. e PARREIRA, R. (coords.) (1993): *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de ourivesaria, vol. I., do Calcolítico a Idade do Bronze*. Lisboa.
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2012a): “Vale das Éguas 3 (S. Salvador, Serpa): fragmentação de materiais cerâmicos e enchimento de estruturas”. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 597-604.
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2012b): “Cidade das Rosas 4 (S. Salvador, Serpa): contributo para a caracterização dos materiais cerâmicos”, *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 605-614.
- BAPTISTA, L., RODRIGUES, Z. e PINHEIRO, R. (2012): “Espacialidades dos cadáveres em Montinhos 6: contributos para uma compreensão das práticas funerárias da Idade do Bronze no Sudoeste Peninsular”. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 149-170.
- CHAPMAN, J. (2000): *Fragmentation in Archaeology. People, places and broken objects in the prehistory of South Eastern Europe*. Londres.
- CHAPMAN, J. e GAYDARSKA, B. (2006): *Parts and Wholes: Categorisation and Fragmentation in Prehistoric Context*. Oxford.
- DEUS, M., ANTUNES, A.S. e SOARES, A.M. (2009): “A Salsa 3 (Serpa) no contexto dos povoados abertos do Bronze Final do Sudoeste”. *Actas do IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: 514-543.
- FRADE, J.C. *et al.* (no prelo): “Bees wax and propolis as sealant of funerary chambers during the Middle Bronze Age in South-western Iberian Peninsula”. *39th international Symposium on Archaeometry*. Lovaina.

- GARROW, D., BEADSMOORE, E. e KNIGHT, M. (2005): "Pit Clusters and the Temporality of Occupation: an Earlier Neolithic Site at Kilverstone, Thetford, Norfolk." *Proceedings of the Prehistoric Society* 71: 139-157.
- GOMES, S. (no prelo): - "Pesos de tear de Castelo Velho de Freixo de Numão revisitados" In S.O. Jorge (ed.): *Castelo Velho*. Porto.
- JORGE, S.O. (ed.) (1995): *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa.
- JORGE, S.O. (2003): "Preâmbulo". In S.O. Jorge (coord.): *Recintos Murados da Pré-História Recente*, Porto/Coimbra: 5-11.
- JORGE, S.O. (2007): "Introdução". *A Conceção das Paisagens e dos Espaços na Arqueologia da Península Ibérica, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Promontoria Monográfica* 8: 9-12.
- JORGE, S.O. (no prelo): "Sobre o uso dos termos sagrado/profano na interpretação do passado Pré-histórico". *I Mesa Redonda Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história*. (Novembro de 2010, Vila Nova de Foz Côa).
- LOPES, C., CARVALHO, P. e GOMES, S. (1998): *Arqueologia do Concelho de Serpa*. Serpa.
- MCFAYDEN, L. (2006): "Material culture as architecture - Neolithic long barrows in Southern Britain". *Journal of Iberian Archaeology* 8: 91-102.
- MCFAYDEN, L. (no prelo): "The breakage and post-breakage histories of the pottery at Castelo Velho". In S.O. Jorge (ed.): *Castelo Velho*. Porto.
- PARREIRA, R. (1983): "O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980". *O Arqueólogo Português (série IV)* 1: 149-168.
- PARREIRA, R. e SOARES, A.M. (1980): "Zu einigen bronzezeitlichen Höhensiedlungen in Südportugal". *Madri der Mitteilungen* 21: 109-130.
- PORFÍRO, E. e SERRA, M. (no prelo): "Assim na vida como na morte. Vínculos entre Homem e Animais na Idade do Bronze do Sudoeste: casos de estudo de Alto de Brinches 3 e Torre Velha 3 (Serpa/Portugal)". *Atas do I Congresso Internacional de Zooarqueologia em Portugal*. Lisboa.
- REBELO, P. et al. (2009): "Dados preliminares da intervenção arqueológica no sítio do Bronze Final de Entre Águas 5 (Serpa)". *Actas do IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: 463-488.

- REBELO, P., SANTOS, R., NETO, N., ROCHA, M. e GRANJA, R. (2010): “O sítio de Corça 2, Serpa” (Poster apresentado no 4.º Colóquio de Arqueologia do Alqueva – Plano de Rega, Beja, Fevereiro de 2010).
- RODRIGUES, Z., ESTRELA, S., ALVES, C., PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (2012): “Os contextos funerários do Sítio de Alto Brinches 3 (Serpa): dados antropológicos preliminares”. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 73-83
- SCHUBART, H. (1974a): “Novos achados sepulcrais do Bronze do Sudoeste II”. *Actas das II Jornadas Arqueológicas da AAP*, vol. II. Lisboa: 65-95.
- SCHUBART, H. (1974b): “La cultura del Bronce en el sudoeste peninsular. Distribución y definición”. *Miscelánea Arqueológica. 25 aniversario de los cursos de Ampurias*. Barcelona: 345-370.
- SCHUBART, H. (1975): *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Madrider Forschungen 9. Berlin.
- SOARES, A.M. (1976-77): “Uma cista do Bronze do Sudoeste em Aldeia Nova de S. Bento (Serpa)”. *Setúbal Arqueológica* 2-3: 273-279.
- SOARES, A.M. (1994): “O Bronze do Sudoeste na Margem Esquerda do Guadiana. As Necrópoles do Concelho de Serpa”. *V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. II. Lisboa: 179-197
- SOARES, A.M. (2000): “Necrópole do Bronze do Sudoeste dos Bugalhos (Serpa)”. *Vipasca* 9: 47-52.
- SOARES, A.M. (2003): “O Passo Alto: uma fortificação única do Bronze Final do Sudoeste”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 6 (2): 293-312.
- SOARES, A.M. (2005): “Os povoados do Bronze Final do sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8 (1): 111-145.
- SOARES, A.M. (2008): “O monumento megalítico Monte da Velha 1 (MV1) (Vila Verde de Ficalho, Serpa)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 11 (1): 33-51.
- VALERA, A.C. e FILIPE, V. (2010): “Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze”. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 5: 49-56.
- VALERA, A.C. et al. (no prelo) “Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa)”. *Actas do IV Colóquio Arqueológico de Alqueva*. Beja, 2010.

APÊNDICE I: Listagem de sítios da Idade do Bronze do Concelho de Serpa (ver Figs. 1, 2 e 3)

Id	Designação	CNS	Tipo LB	Freguesia
01	Aldeia do Grilo 1	31554	Est. Negativas	Santa Maria
02	Aldeia Velha	13178	Cistas	Vila Nova de São Bento
03	Alfândega	13150	Povoado?	Vila Verde de Ficalho
04	Alto das Pitas	31268	Est. Negativas	Santa Maria
05	Alto das Pitas 1	31267	Est. Negativas	Santa Maria
06	Alto de Brinches 3	31361	Est. Negativas	Santa Maria
07	Azenha da Misericórdia	2078	Povoado	Santa Maria
08	Barranco do Pinheiro	31263	Est. Negativas	Brinches
09	Barranco do Salto 1	6465	Cistas	Vila Verde de Ficalho
10	Cadavais	31242	Est. Negativas	Brinches
11	Caldeira	31272	Est. Negativas	Santa Maria
12	Carrapatal	12800	Cistas	Vila Nova de São Bento
13	Casa Branca 1	12116	Povoado	Brinches
14	Castelo da Crespa	2540	Povoado	Santa Maria
15	Centirã 2	28756	Tholos	Brinches
16	Centirã 3	31828	Est. Negativas	Brinches
17	Cidade das Rosas 4	31521	Est. Negativas	Salvador
18	Corça 2	13075	Est. Negativas	Pias
19	Corte do Poço 1	13059	Est. Negativas	Brinches
20	Cortasilhas	13001	Cistas	Vila Nova de São Bento
21	Covão	13009	Cistas	Vila Nova de São Bento
22	Entre Águas 5	31460	Est. Negativas	Brinches
23	Espinhaço	13367	Povoado	Santa Maria
24	Estacarias	31440	Est. Negativas	Salvador
25	Figueirinha	13078	Est. Negativas	Pias
26	Folgão	12121	Est. Negativas	Santa Maria
27	Fonte da Baina 1	13352	Est. Negativas	Salvador
28	Fonte da Baina 7	31335	Est. Negativas	Salvador
29	Herdade do Meirinho 4	31280	Est. Negativas	Salvador
30	Herdade do Montinho	12888	Cistas	Vale de Vargo
31	Horta da Larga	31330	Est. Negativas	Santa Maria
32	Horta da Morgadinha	13194	Est. Negativas	Santa Maria
33	Horta da Morgadinha 1	31809	Est. Negativas	Santa Maria
34	Horta da Morgadinha 2	31513	Est. Negativas	Santa Maria
35	Horta da Parrada	31337	Est. Negativas	Santa Maria
36	Horta de Alpedrede 2 / Moitão d'Altura	20602	Povoado	Salvador

Id	Designação	CNS	Tipo LB	Freguesia
37	Horta do Lagarinho	31331	Est. Negativas	Santa Maria
38	Jardim do Museu de Ficalho	315	Povoado?	Vila Verde de Ficalho
39	João de Matos de Cima 1	13005	Cistas	Salvador
40	João de Matos de Cima 2	13006	Cistas	Salvador
41	Laço	13037	Povoado	Brinches
42	Laje 2	31518	Est. Negativas	Salvador
43	Lameiral 5	31253	Est. Negativas	Brinches
44	Magoita	31243	Est. Negativas	Brinches
45	Malhada de Carrapatelo 2	31355	Cistas	Salvador
46	Margalhos 2/ Bugalhos	13358	Cistas	Santa Maria
47	Margalhos 3	13359	Cistas	Santa Maria
48	Maria da Guarda 3	31517	Est. Negativas	Salvador
49	Mina das Azenhas 6	31245	Est. Negativas	Brinches
50	Moinhos Velhos	13052	Povoado?	Brinches
51	Monte da Salsa / Salsa 3	23012	Est. Negativas	Santa Maria
52	Monte da Velha 1	12176	pseudo-tholos	Vila Verde de Ficalho
53	Monte das Arouchas	31336	Est. Negativas	Santa Maria
54	Monte de Santa Justa 2	89	Cistas	Salvador
55	Monte do Gato de Cima 3	31240	Est. Negativas	Brinches
56	Monte Gargantas	31306	Est. Negativas	Brinches
57	Monte Novo 1	31308	Est. Negativas	Brinches
58	Monte Velho 1	31301	Est. Negativas	Brinches
59	Montinhos 3	31811	Est. Negativas	Brinches
60	Montinhos 6	31350	Est. Negativas	Brinches
61	Navegados 4		Est. Negativas	Brinches
62	Ourém 7	31288	Est. Negativas	Pias
63	Ourém 8	31452	Est. Negativas	Brinches
64	Outeiro Alto 2	31241	Est. Negativas	Brinches
65	Pantufe	13325	Povoado	Santa Maria
66	Passo Alto	560	Povoado	Vila Verde de Ficalho
67	Pulo do Lobo 1	13363	Povoado?	Santa Maria
68	Ribeira de São Domingos 1	31262	Est. Negativas	Brinches
69	S. Gens / Nossa Senhora da Guadalupe	12550	Povoado?	Salvador
70	Santa Margarida 1 / Outeiro de Santa Margarida	12889	Est. Negativas	Santa Maria
71	São Brás 1 / Cerro dos Castelos de São Brás	154	Povoado	Santa Maria
72	Serpa - Castelo	2543	Povoado	Santa Maria
73	Serra de Belmeque	13103	Est. Negativas	Vale de Vargo
74	Serra de Ficalho	13144	Povoado?	Vila Verde de Ficalho

Id	Designação	CNS	Tipo LB	Freguesia
75	Sobralinho 3	13371	Cistas	Santa Maria
76	Sobralinho 4	13373	Cistas	Santa Maria
77	Sobralinho 5	13374	Cistas	Santa Maria
78	Sobralinho 6	13375	Cistas	Mértola
79	Sobralinho 7	13377	Cistas	Mértola
80	Sobralinho 8	13378	Cistas	Santa Maria
81	Talho do Chaparrinho	2758	Cistas	Vila Verde de Ficalho
82	Torre Velha 12	31516	Est. Negativas	Salvador
83	Torre Velha 3	31249	Est. Negativas	Salvador
84	Torre Velha 5	31090	Est. Negativas	Salvador
85	Vale Viegas	-	Outros	Vila Nova de São Bento
86	Várzea de Cima 1	31292	Est. Negativas	Brinches
87	Várzea de Cima 2	31246	Est. Negativas	Brinches
88	Vila Nova de São Bento	12993	Outros	Vila Nova de São Bento
89	Vila Verde de Ficalho - Igreja de S. Jorge / Vila Verde de Ficalho 1	1094	Povoado?	Vila Verde de Ficalho
90	Zambujeira 1	31257	Est. Negativas	Brinches